BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA
DEPÓSITO LEGAL
AGO 1944
63 e 64
Julho e Agosto

Foto Lakatos

SUMARIO

CANTEMUS...
PERFIL DE ANTANHO
CAMPISMO
SEDUÇÃO DAS ALTURAS
O NOSSO PASSEIO
ESTRÊLAS NOS OLHOS
NA PRAIA
DO PASSEIO PÚBLICO
AO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO
O BRINQUEDO DO GIGANTE
RAPARIGAS SÉRIAS
HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ
A ALEGRIA, COMPANHEIRA DE FÉRIAS
NOTÍCIAS DA M. P. F.
CAROLINA HERSCHELL
TRABALHOS DE MÃOS
(Barras em ponto de cruz)
PARA LER AO SERÃO
(Férias boas! e Maria Rita Solteira)
COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

OBRA DAS MÃIS
PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL — ASSINATURA AO ANO, 12$00 — PREÇO AVULSO 1$00

JULHO / AGOSTO / N.os 63-64

NO MERCADO

CANTEMUS

«Obras ao Senhor,
bemdizei tôdas ao Senhor»

Campo, montanha, o mar...

E por todo êsse verão àlém, a mocidade cheia de vida, despreocupada, ardente, a recrear-se, a cantar, a saltar, a viver...

Férias... Férias grandes... Férias de verão...

A cantar... a saltar... a viver...

Os santos, a quem alguém já chamou «a flôr da humanidade», sabiam como ninguém tirar partido da terra para o céu. Andando **na** *terra, não eram* **da** *terra. Aquêle bemdito Pai S. Francisco, o poverelo, jogral do Senhor, por caminhos da Umbria, a louvar, a cantar...*

Tôdas as coisas feitas «irmãs» eram outras tantas estrofes do grande «Cântico» da vida, em gratidão e lausperene...

* * *

Ide viver em «alegria perfeita» as vossas férias. Ponde tudo a bemdizer — fazei-vos intérpretes do mundo sem alma e que as montanhas e os céus, o mar e o campo sejam hinos vivos em homenagem perene de juventude e de alegria.

«A'guas que estás suspensas nos espaços celestes...

... **bemdizei ao Senhor**

«Sol e lua... estrêlas do Céu...
«Chuva e orvalho e ventos...
«Fogo e calor... frio e calor...

... **bemdizei ao Senhor**

Sêde por êsse Portugal fora os portadores da mensagem nova que a Mocidade tem de erguer alto e levar longe.

Mensagem de vida nova na pureza e na paz, prègada na língua de corações de agora para a ouvirem e acreditarem as almas do nosso tempo tão metidas em materialismos e egoísmos e sensualismos.

Arautos e pagens da Hora redentora...

Onde se encontrar um peito moço logo se oiça o grito aleluístico da Redenção.

«Orvalho e gêlo... geada e graniso...
«Gêlos e neves... noites e dias...

... **bemdizei ao Senhor**

«Trevas, raios e núvens sombrias.

... **bemdizei ao Senhor**

«Bemdiga a terra ao Senhor — louve-o e exalte-o para sempre».

* * *

As férias deveriam ser um regresso à verdade — à verdade total da vida. E nem sempre o são. Crescem as mentiras e os postiços: sai-se de casa para ir mentir na praia, no campo, na serra, nas termas...

Mentem as «toilettes», mentem as atitudes — estudam-se maneiras de parecermos quem não somos. Avantajam-se desmedidamente, despudoradamente, títulos de família, de fortuna, de saber... E a mocidade vai atrás. E a mocidade feminina vai muito atrás: não se quere parecer «de outro tempo», nem «perder partido», e muito menos não «brilhar».

Casinos, assembleias, avenidas, «picadeiros», reüniões, encontros... E até os campos de «golf», de «tennis» e de patinagem...

E, mais modernamente, os «botes» em que se vai a gente «em malta», ao largo, e os «pic-nics», e as saídas em campismo a fingir, e os passeios «em bici»...

...pretextos, simples pretextos, com a benevolente aprovação das mães e uma «certa» ignorância dos pais, pretextos, simples pretextos, para se voltar pior do que se foi, com o olhar menos virgem, o coração menos puro — e a alma, às vezes, perdida...

E seria tão simples ganhar as férias, reencontrar o viver são ao contacto das coisas virgens e sãs da natureza!...

«Montanhas e colinas e plantas...
«Fontes, mares e rios.

... **bemdizei ao Senhor**

«Monstros marinhos... aves do Céu... animais selvagens e rebanhos pacíficos.

... **bemdizei ao Senhor**

«Sacerdotes do Senhor.

... **bemdizei ao Senhor**

«Servos do Senhor...

... **bemdizei ao Senhor**

* * *

Sejam as tuas férias um tónico para o corpo e para a alma.

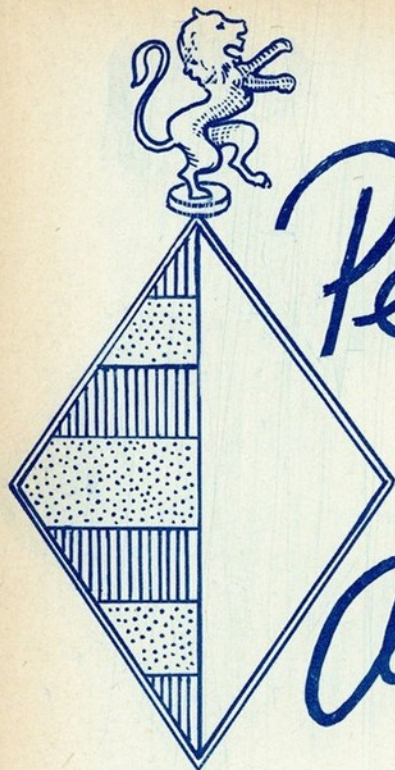
Reagi contra tudo — contra todo o mal.

«Santos e humildes de coração

... **bemdizei ao Senhor**

Regressai melhores.
Regressai contentes: mais saúde.
Regressai contentes: mais perfeitas.
Andai por lá em alegria...
— a consciência de bem com Deus
— o dever, todo o dever, sempre cumprido
— e a terra vos acompanhará no hino da festa grande:
— Deus na altura contente, a abençoar.

G. A.

Foto: Miguel Ferreira Martins

Perfil de Antanho

O retrato destas páginas deve impressionar-vos pela expressão e indumentária, sugerindo-vos, talvez, a idéia de haverdes diante de vossos olhos a vera efigie de monja célebre, ou de velha bota de elástico, desde os punhos rendados à touca nivea, que sepulta restos de farta cabeleira, a julgar pelos bandós...

Pois, nem uma nem outra coisa foi, e a sua história é lição de virtudes realizadoras, que, imitadas, formam o carácter e a personalidade de uma rapariga moderna pautada pela elegância moral de espiritos superiores.

O aparecimento da sua figura apaixonou criticos de arte e historiadores, tornando-se mais relevada depois da publicação do inédito de «algunos apuntamientos», *memória biográfica, possivelmente da sua sobrinha, primeira religiosa que vestiu o hábito na fundação da tia, e soube enaltecê-la pelos preclaros feitos narrados.*

*A egrégia senhora** do retrato anda esquecida, em Portugal, a-pesar de Santa Teresa ter deixado elogio escrito a esta «muito serva de* Nosso Senhor», *e Santo Inácio de Loiola ter mantido com ela espiritualissima amizade e solicitude paternal, chamando-lhe mãe da Companhia de Jesus, asseverando-lhe tê-la no mais dentro da sua alma e afecto, como consta da carta enviada de Roma, em 19 de Maio de 1556.*

Honrando o dinamismo da sua virtude e acção, os Pontifices concederam-lhe privilégios raros, e, D. João III, favorecendo-a, escrevia-lhe, como igualmente os Infantes D. Luis e D. Isabel.

Com tudo isto, até para gente da sua estirpe, será desconhecido o perfil da sua nobreza, e tantos ignoram que, ao calor da sua alma Filipe II, menino, e depois seu filho Carlos se educaram, porque sendo aia do rei prudente teve de fazer as vezes de mãe.

Esta fidalga singular é Dona Leonor Mascarenhas, filha de Fernão Martins Mascarenhas de Almada e de D. Isabel Pinheiro da Veiga.

A venerável aia nasceu, na outra banda, em Almada, a 24 de Outubro de 1503. Ainda nos braços das amas, ela e a sua irmã foram recebidas e educadas no paço do Rei Venturoso.

A sua paixão pela perfeição cristã não a inibiu de ser camareira-mor de D. Isabel de Portugal, a formosissima consorte de Carlos V, em cujo séquito partiu, em 1526. Honrava-a a Imperatriz pela muita virtude de mortificação, abstinência, jejum, disciplinas, prática de todo o bem, escondido sob galas de senhora da côrte castelhana, gostando ter ido para Castela para se não casar, do que fez voto, para alcançar a saúde de Filipe II, quando a vida dêle perigava.

Antes dêste, já tinha feito o de consagrar aos pobres e ao culto divino quanto operassem as suas mãos, abertas fidalgamente para tôdas as misericórdias. A sua alma caridosa sabia consolar com palavras e amabilidades, tendo a abnegação sublime de preferir o gôsto alheio, contente com servir quantos se apoiavam no seu empenho, no paço, pois era valida estimadissima da Imperatriz Isabel.

Aos 24 anos foi escolhida para aia de Filipe II, e, para bem cumprir a sua missão, buscou as fôrças do seu munus em mais intensa vida sobrenatural, em piedade mais acendrada, não lhe diminuindo a Côrte a devoção às ordens religiosas, que ajudava, nas suas fundações, já de Carmelitas Descalças, já de Jerónimos, já de Jesuitas e de outros, não podendo ficar omisso quando favoreceu a Inácio de Loyola e à sua Companhia de Jesus, amparando-a com esmolas e alfaias, comprando-lhe a casa para o real colégio de Madride, em que foi seu primeiro reitor o português Duarte Pereira, antes pagem de D. Leonor.

A sua alma, cheia de oração, trasbordava na dedicação extrema de acudir a tôdas as necessidades e misérias, sacrificando riquezas e joias próprias, cortando por comodidades, vencendo repugnâncias, para tratar crinhosamente os maltrapilhos, os chagados, espiolhando-os, cortando-lhes o cabelo asqueroso, com as suas mãos delicadas, que punha a sangrar, ao coser alegremente os vestidos ásperos e duros para a pobreza. Sabendo chorar com quem chorava, a sua caridade tinha remédio de favores e esmolas para os aflitos, albergava pobres em sua casa e procurava saber das suas carências e dividas para remediá-las, soltando prêsos insol-

1) Cfr. José Maria March. *El Aya del Rey D. Felipe y del Principe D. Carlos, D.ª Leonor Mascareñas.* Madrid, 1943.

ventes, provendo hospitais, que visitava, em Valhadolide, alta madrugada, como os cárceres, para socorrê-los, com o dinamismo da sua larguissima generosidade. E esta era ainda sublimada pela fidalga maneira de dar à gente decaida da sua situação, que procurava manter, até nas aparências primeiras, não esquadrinhando se eram verdadeiras ou falsas as necessidades apresentadas, pois socorrendo, por amor de Deus, não perdia as suas misericórdias.

Mais valiosa que esta assistência corporal era a dedicada às almas por D. Leonor Mascarenhas. Por elas se santificou, tirando-as do mal.

Tinha pena das mulheres e para salvá-las da má vida, preservá-las, lhes dava a fiar linho, pagando-lhes o trabalho, mimoseando-as depois com as mesmas peças que lhe valessem nas privações, impedindo, em quanto pôde, que se perdessem, e perdidas as tratava solicitamente, para voltarem de novo ao caminho. Tanto se esforçava, para que as mulheres tivessem excelência de virtude, que desejava deixar fundados muitos mosteiros e casas para guardá-las de todo o mal.

Com êste zêlo, fundou o Carmelo das Descalças de Alcalá e ajudou a Madre Santa Teresa, que mais de uma vez foi hóspede da cristianissima fidalga Mascarenhas.

Sob as sedas e brocados da Côrte de Espanha, a aia de Filipe II, mais parecia religiosa que senhora da alta roda paçã. Mas logo que a sua missão se cumpriu, recolheu-se ao Mosteiro dos Anjos, de Madrid, que ela fundara com as franciscanas gordilhas, de Ávila.

E tão sobrenaturalizada tinha a sua dedicação que, servindo as franciscas do seu convento, as tratava como se visse Cristo, em cada uma, invejando-lhes o estado de sublimação pelos conselhos evangélicos, com pena de não ter professado.

Esta alma gentil de portuguesa tanto se desvelava por resgatar seus irmãos, cativos, em Alcácer, como outros cavaleiros de Malta, empenhando as suas próprias rendas, e se devotava à acção social de amparar viúvas e donzelas desamparadas, de linhagem, vivendo com elas.

Para mais dar, era abstinente, não admitindo regalos, exigidos pela idade e saúde, pensando mais nos outros que em si, trabalhando para os pobres, para tanto santificando os ócios sobrados das suas leituras espirituais.

Boas obras, enfim, que são oração.

Com tal soma de méritos, morreu com oitenta e um anos de idade, em 20 de Dezembro de 1584,

D. LEONOR DE MASCARENHAS

Painel de autor desconhecido procedente do Convento de los Angeles de Madrid: 0,73x0,51

e, trasladando-se o seu corpo, em 1586, foi encontrado, sem corrupção, a perfumar a igreja.

As excelências da insigne e ilustrissima Dona Leonor Mascarenhas bem mereceram exaltação no retrato que vos impressionou, nestas páginas, e cuja autoria se ignora, a-pesar das várias divagações e hipóteses verosimeis.

*

* *

Com êstes dados, completai a pintura do pincel anónimo, que consagrou modêlo de altura, para as raparigas de Portugal modelarem por êle as suas fecundas e actualissimas virtudes de santificação própria e de difusão magnífica do bem-fazer social.

Suscite Deus almas gêmeas daquela aristocrata insigne!

Lisboa, Junho de 1944.

J. da Costa Lima

TU, rapariga da *Mocidade*, que aprecias tanto o campismo e que já tens a prática que te deram os domingos organizados pela M. P. F., porque não has-de fazer campismo nas tuas férias?

Falta-te a *equipe* da *Mocidade?* Organiza outra com as tuas companheiras de momento.

Tu, que aprendeste a fazer *verdadeiro campismo*, podes ensiná-las e dirigi-las.

Já sabes o que é o campismo.

Campismo é a vida no campo onde se exercita a actividade de diferentes modos: no trabalho, jogos, etc. Maneira agradável e útil de aprender, ver, gozar e aproveitar o que a natureza nos oferece de maravilhoso e belo.

Embora o calor aperte ou a chuva caia inesperada, nada deve fazer perder a tua boa disposição. É isto precisamente o que a *Mocidade* pretende: *raparigas fixes*, como vocês dizem.

O campismo é a melhor das lições. Aprende-se nele tanta coisa!

Os inglêses resumem tudo na expressão *wood-craft,* muito empregada dentro do escutismo.

Como se vive um dia de campismo? Recordas-te ...

CAMPISMO

Ao chegar ao lugar escolhido para o acampamento, trabalha-se logo na instalação. Constrói-se uma *pequena cidade* (se o acampamento é numeroso), ou simplesmente *uma casa* (se o grupo é pequeno), onde — não te esqueças! — o cesto para os papéis tem uma grande importância para criar hábitos de arranjo e asseio.

Não há nada mais feio do que um sítio lindíssimo, mas cheio de papéis e latas de sardinha ou cascas de laranja.

Êste célebre cesto de papéis cada uma o deve inventar e fazer a seu jeito.

Em seguida trata-se de arranjar outras coisas que dão comodidade e facilitam o trabalho: mesas e bancos, suportes para os utensílios, cordas para estender os panos de cozinha, etc.

Preparados os fogões, feitos com pedras, ou fornalhas cavadas na terra, acende-se o lume para o almoço.

Queres uma ementa? Espargetti cozida, salsicha assada, ovos estrelados e fruta. Exige uma certa habilidade estrelar um ovo sem o desmanchar, quando na frigideira já estão uma dúzia de ovos quási a queimarem-se... Mas a rapidez e a prática resolvem a questão.

Depois dum almôço dêstes, e comido com apetite, faz bem mexer-se. Depressa! Lava a loiça, para antes da sesta deixares tudo arrumado no teu saquinho. E olha que também é preciso saber arrumar um saco! Um saco pode levar o dôbro das coisas se estas forem arrumadas por uma pessoa que está acostumada a colocá-las bem. Se o fizer quem não está habituado, ficará metade de fora...

Nos acampamentos da *Mocidade*, como sabes, é sempre costume "plantar„ a bandeira, que se segura por meio de três cordas presas ao chão.

É claro que no campismo particular não se arvora a bandeira. Mas a bandeira é apenas um símbolo, e o que importa é que o amor da Pátria nos acompanhe sempre. A fazer campismo aprendemos a amar mais a nossa terra, tão bela!

Não basta conhecer através de áridos livros de ciência as flores e as árvores, os montes e os rios; precisamos de tomar contacto com as realidades.

Os nossos conhecimentos de ciências naturais podem aumentar-se com jogos que contribuirão também para o aperfeiçoamento dos nossos próprios sentidos visuais e acústicos. Mas não é ainda apenas isto que se pretende do campismo.

Nos dias de campismo da M. P. F. aprendem-se muitas outras coisas úteis: *primeiros socorros*, que poderá haver necessidade de prestar no caso de qualquer acidente, etc.

E aprende-se ainda a ler uma carta topográfica, a orientar-se com uma bússula, coisas simples e interessantes, que tanta rapariga ignora.

Como vêem, o campismo consiste em várias coisas — e muitas mais poderiamos acrescentar — mas o que hoje principalmente queremos dizer é que convém que as raparigas aproveitem ao férias para fazer vida ao ar livre, alegremente movimentada e com o tempo bem utilizado, o tempo que tanta vez, mesmo em férias, vão perder dentro dum cinema fechado e mal arejado, depois dum ano inteiro de vida dentro de casa ou da escola, sem poderem respirar fundo um ar saudável, e sem gozarem o sol e a alegria das searas salpicadas de papoilas vermelhas e o prazer duma boa camaradagem com outras raparigas animadas do mesmo ideal.

É êste o campismo que a M. P. F. tem adoptado e que ela aconselha às suas filiadas a fazerem durante as férias.

Campismo bem orientado, alegre, higiénico, que beneficie a saúde, desenvolva qualidades morais e aumente a alegria de viver.

Ingrid Byberg

"Sedução das alturas"

QUEM a não sente, seja no sentido real de subida da montanha ou no sentido figurado de ascensão de ideal?

E eu desejaria que as nossas raparigas levassem para férias esta dupla «sedução das alturas».

Ouvi há dias citar estas palavras dum médico francês: «Procuro educar os meus filhos no culto da montanha e no culto da música. No culto da montanha para os afastar da cidade; no culto da música para os afastar do café».

Compreendia inteligentemente a alma da juventude e empregava um magnífico processo de educação, êste pai.

Um atractivo precisa de ser vencido por outro atractivo mais forte. Um interêsse por outro interêsse. Uma paixão por outra paixão diferente.

O segrêdo da educação está em saber substituir o mal pelo bem, o inútil pelo proveitoso, o medíocre pelo elevado.

O «culto da montanha» poderá livrar-vos em férias, filiadas da Mocidade, da admiração de mil ídolos falsos que se erguem nos lugares mundanos.

O «culto da montanha» dar-vos-á o gôsto pela vida ao ar livre, os longos passeios saüdáveis, as «conquistas» e as «descobertas» que fortalecem a vontade e cultivam a iniciativa. Nem todos podem fazer alpinismo em altas montanhas, cujos cumes desafiam os audaciosos. Mas grandes e pequenas serras, e até os simples montes, oferecem a quem sente a «sedução das alturas» horas de inefável prazer.

Mesmo quem não pratica alpinismo-desporto, pode fazer alpinismo modesto e sem perigo, amando os caminhos que sobem e tôda a elevação onde a vista se alonga e a alma se aproxima de Deus.

A montanha é um dos mais belos espectáculos da natureza; igual a ela, só o mar; acima dela, só o céu!

O ar da montanha é o mais puro para os nossos pulmões; mas parece que é a nossa própria alma que na montanha respira pureza.

Num livro de Henry Bordeaux, «*Sous les in aroles*», fala-se da «paixão da montanha» como uma das mais belas e mais nobres para a gente nova.

O autor põe as seguintes palavras na bôca dum rapaz: «A montanha desperta entusiasmo e generosidade. Retira-nos de tôdas as baixezas. Eleva-nos a um mundo imenso e puro, que na expressão dum velho guia é como que a ante-câmara de Deus. Há rapazes que vão comungar antes das suas ascenções. As ascenções, oh! que bela palavra! Não sentem tudo o que ela significa?

E a alguém que critica essas ascensões arrojadas, êle responde: «Quando encontram a mocidade nos bars, nos dancings, nas salas de jôgo, ninguém se admira. No entanto essa mocidade perde-se, diminui-se, liquida-se até — e acham isto natural!».

A montanha, elevando-nos fìsicamente, também moralmente nos eleva.

É-se uma pessoa diferente dentro dum *bar* ou dum *dancing* e no cimo dum monte.

Porisso eu vos digo, queridas raparigas, nas férias, fugi para as alturas!

Trocai o terra à terra dos prazeres mundanos por prazeres mais elevados. Buscai na natureza alegrias puras — e encontrareis em Deus a alegria plena!

Deixai-vos fascinar pela «sedução das alturas». Mais alto ainda do que as montanhas, deve pairar o vosso ideal!

Não o deixeis cair em férias...

Se tal sucedesse, tristes férias teriam sido as vossas, e mal agradecidas serieis a êste dom de Deus.

Maria Joana Mendes Leal

Foto Zielinski

A camioneta, a gasogénio, segue devagar, deixando-nos observar, descansadamente, o que nos passa aos lados e depois vai ficando para trás, amortecido na distância, embebido de Sol.

Fábricas e fábricas, de cimento, de farinhas, de mobiliário, alojadas em edifícios próprios e bem lançados, e à direita, calmo e bonito, o bairro social da Encarnação, casinhas quási iguais, simples e pequeninas a manchar de côr o verde do pinhal.

Impressiona-nos bem êsse aglomerado alegre, para onde virá alojar-se a gente arrancada à pobreza duma água furtada exígua, ou duma parte de casa.

E a paisagem segue, alastra, desenrola-se... E' pano de remendos!

O verde e o castanho misturam-se numa confusão agradável, pintalgados, aqui e ali, da mancha clara das casas, pedaços de vida perdidos na calma morta do chão.

E as povoações sucedem-se, tanto mais características quanto mais afastadas vão ficando de Lisboa.

Agora, é já Vila Franca de Xira, o ponto culminante do nosso Ribatejo.

Barretes verdes salpicam de côr, de quando em quando, a mancha escura da estrada e parece que são êles que nos «falam» das festas do Colete Encarnado, das Touradas, das «Esperas», dos touros e garraios negros espalhados, ao acaso, sôbre a lezíria imensa, longe, muito longe, a perder de vista, a tornar maior a grandeza dos campos abertos.

Vila Franca é brado de Vida e de Alegria; há qualquer coisa de ardente em tôda ela, uma fôrça estranha que nasce do chão e se eleva, mais e mais, e se torna quási palpável, quási real.

Lembro o Algarve, a graça branda das amendoeiras cobertas de branco e rosa, o verde norte dás hortas, e sinto que há, entre essas duas belezas, uma diferença maior que a diferença das formas e da côr.

O Ribatejo é vida, vida intensa e brutal, feita de fôrça, de trabalho, de luta; o Algarve é suavidade e paz, a harmonia serena das côres esbatida mais ainda pela luz igual, sem manchas, sem variações de intensidade, do seu Sol.

O Algarve acalma, dá alegrias boas e pensamentos nobres; o Ribatejo excita, dá alegrias fortes e pensamentos grandes, sentimentos que se elevam e chocam os nervos.

Mas há muito que Vila Franca de Xira ficou para trás e é agora Alenquer que nos surge, ainda com o seu cunho ribatejano, mas já diferente, mais amena e mais simples, acolhida numa depressão, com a Igreja grande lá em cima, no ponto mais elevado do terreno.

O Sol começa já a baixar, deminuindo a côr, banhando de tons doirados os campos e o Céu.

Há muito que vamos a cantar, para atenuar o tamanho da viagem e tentar não sentir aquêle balancear incómodo da camioneta que, de quando em quando, oscila mais fortemente, como coisa pouco afeita ao piso desigual das estradas. Os quilómetros vão-se galgando e o nosso reportório de canções populares portuguesas esgota-se aos poucos.

Finalmente, já sem Sol, mas ainda com bastante luz, chegámos às Caldas da Raínha.

Desta nossa primeira paragem conservo apenas, como recordação, a lembrança da estátua de D. Leonor, menos interessante do que supunha, do Parque, realmente bonito, e de certa lenda dos pirilampos que lá nos contaram.

O resto é uma coisa vaga, muito vaga que não me conseguiu impressionar.

O NOSSO PASSEIO

Que não se considere como uma simples viagem de recreio o passeio que encerrou a VII Escola de Graduadas, de Lisboa. Poder-se-à, talvez, chamar-lhe uma romagem — romagem feita pelas terras de Portugal, admirando-lhe as belezas naturais e os monumentos, recordando-lhe a História gravada nas suas pedras e nos seus montes. Romagem de Alegria, em que sempre, a nossa voz se ergueu, cantando e louvando; romagem de Fé, em que quisemos ir depôr, aos pés da Virgem de Fátima, o preito da nossa Crença, do nosso Amor, da nossa vontade imensa de Bem Servir.

Fôram três dias passados em conjunto, três dias de plena camaradagem, em que nos soubemos irmanadas no mesmo grande ideal, o ideal de podermos tecer, confiadamente, nas nossas mãos o futuro de Portugal.

Fôram três dias em que gosámos a companhia da Ex.ma Delegada da Extremadura, senhora D. Alice Guardiola, que soube animar dum modo encantador a nossa viagem e a quem ficámos devendo tantas atenções e cuidados, e nos unimos às nossas camaradas mais novas, as Chefes de Castelo dêste ano, e com elas cantámos a nossa alegria de viver e a nossa Fé num mundo melhor.

Horas seguidas que passámos juntas, na comunhão dum Querer que nos iguala e dum Crer que nos eleva, duma Alegria que nos faz mais fortes e mais confiantes.

E nunca — nunca! — por mais longe que a Vida nos leve, por mais rápidos que corram os dias e os anos, se apagará na nossa memória, desperta pelas emoções e pela gratidão, a recordação dêste passeio que foi quási uma romagem de Beleza — beleza natural e beleza interior, aprendida uma nas côres dos campos e do Céu, ganha a outra na certeza da nossa Fé fortificada.

Sexta-feira — 2 de Junho: Saímos de Lisboa já depois das 17 horas, levando connosco, junto aos votos de boa viagem da Senhora Comissária Nacional, a alegria intensa por irmos ver coisas que não conheciamos.

E, pouco depois, deixadas para trás as últimas ruas da cidade, vemos diante de nós, estendendo-se longe, muito longe, a estrada coberta de Sol, grande fita negra que é preciso vencer para chegar ao nosso primeiro ponto de paragem — Caldas da Raínha.

Sábado — 3 de Junho: Saímos das Caldas da Raínha, manhã cedo, talvez pouco depois das 8 horas, com direcção a Fátima.

Não havia nos nossos lábios as canções alegres do dia anterior nem me lembro, tão pouco, da paisagem que atravessámos. Influência de nos termos levantado cedo ou do jejum que incomodava algumas? Não sei!

O que sei é que o princípio da viagem se fêz quási em silêncio, num silêncio que poderia parecer recolhimento mas não o era ainda. Seria antes um torpor, um amolecimento de actos e palavras que, nem aquela grande certeza que cada uma de nós tinha em si — «Vou a Fátima!» — conseguia agitar, pôr em vibração.

Depois, a pouco e pouco, talvez mesmo sem consciência disso, fomos despertando. O Sol rasgando as núvens, entrou, franco, pelas janelas da camioneta, e parece que foi êle que nos entrou também na alma, aquecendo-a, vivificando-a. Foi êle e aquêle primeiro Terço que rezámos, aquelas primeiras orações em que as vozes vibraram em conjunto, como um brado único e um louvor comum.

Vieram depois os cânticos mas já então a nossa alma orava e cantava, mais alto, mais forte, mais ardentemente, já então a nossa voz interior gritava súplicas a promessas.

Fátima aproximava-se; nós começávamos a adivinhá-la, a senti-la, na paisagem, no ar, na emoção que nos dava uma sensação diferente, um quási medo de não podermos, de não sabermos adorar.

Mais outro terço que se reza e depois começam a aparecer, junto à estrada, as cruzes da Via Sacra. A camioneta segue agora mais depressa; levamos mais de uma hora de atraso e ainda vamos em jejum.

Mas nada disso nos interessa agora, nada sentimos senão que Fátima está ali, que se aproxima cada vez mais, que nós vamos dentro de minutos ver, com os nossos olhos indignos de humanos, o local onde a Virgem apareceu, que vamos lançar-nos a seus pés como os pastores, que vamos pedir-lhe graças que, mais ninguém senão Ela pode obter de Jesus, que vamos contar-lhe «coisas» que só Ela saberá ouvir e compreender.

Há muito que o torpor e o amolecimento se afastaram de nós; sentimos qualquer coisa de diferente, de mais forte que a nossa própria fôrça, que vence tudo o que em nós há de inútil e de superficial e nos deixa ficar tal qual somos, humildes e confiantes, apenas com uma maior elevação de pensamentos e de ideais.

Entramos finalmente no recinto das aparições.

Nêste momento, nem já a alma sabe dizer orações, grandes frases e grandes pedidos. Repete apenas algumas palavras, num brado interior que se eleva, mais e mais, quando ajoelhamos diante da imagem da Senhora de Fátima.

Ainda que se queira, ainda que se possa, não se saberá definir nunca completamente o que se sente ao ajoelhar no local onde a Virgem esteve.

Sabe-o quem esteve em Fátima, quem veio acompanhado por uma Fé ardente e forte e... soube sentir.

Sabem-no, completamente, os simples, os vèlhotes do povo, que nós vimos, piedosamente, a rezar o terço.

Talvez o não saibam nunca compreender as almas complicadas, que mesmo na Fé procuram mil razões para se apoiarem, e mil dúvidas para adquirir uma certeza.

Talves essas não consigam nunca, nem mesmo a si próprias, definir o que sentiram, e lamentem o não terem a simplicidade calma daquêle homem do povo que rezava o terço à porta da Capela.

A nossa Missa começou pouco depois do meio dia e Jesus baixou ao coração de tôdas nós na Comunhão; com Ele desceram as palavras do celebrante, as palavras que nenhuma de nós esquecerá, jàmais.

Depois foi o almôço, a visita ao hospital, à Basílica, a compra de recordações para a família e, pelas 4 horas a última oração à Senhora, as últimas promessas e os últimos pedidos.

Partimos finalmente e, já na estrada, já longe, nós sentiamos ainda uma vontade enorme de voltar atrás e ficar a ver eternamente a imagem da Virgem dos Pastorinhos, na sua pequena Capela erguida pelo povo.

Seguimos depois para Leiria onde cumprimentámos o Senhor Bispo e só então nos fizemos de abalada para a Figueida da Foz, ainda com uma paragem marcada para ver Conímbriga.

Conímbriga fica um pouco afastada da estrada principal e é uma antiga cidade romana que foi soterrada no século V, depois dum incêndio e dum massacre dos seus habitantes. Sôbre ela, isto é, nas terras que a cobriam estava plantado um campo de oliveiras e feitas as escavações surgiram as colunas, as muralhas, as ruas e os jardins da antiga cidade.

De volta à estrada real para seguirmos a caminho da Figueira, nós fomos a pensar naquela civilização que ali se desenvolveu, naquêles que viveram lá há tantos anos e que, como nós, sofreram, fôram felizes ou fôram desgraçados.

Só às 11 horas chegámos à Figueira da Foz e apenas à meia noite conseguimos encontrar o hotel.

Não foi boa a primeira impressão que tivemos da cidade; achámo-la pouco amável, pouco hospitaleira. Talvez fôsse do sono...

Mas sempre conseguimos jantar à meia noite e logo a seguir fomos para a cama descansar de tôdas as fadigas e de tôdas as emoções do dia.

Domingo — 4 de Junho: Eram pouco mais de 9 horas quando chegámos à praia, depois de termos ouvido a Missa das 7 e meia, na Igreja Matriz e de termos tomado o primeiro almôço.

A praia é bonita, grande, alegre... E para mim, olhando assim, ao longe, o Céu e o Mar, desfaz-se completamente a má impressão da chegada.

Separamo-nos, agora em diferentes grupos. Umas descem, deixando-se escorregar, os declives da areia e atroam os ares com a sua gritaria alegre; outras entretêm-se a tirar retratos. Há ainda quem prefira apanhar pedrinhas ou conchas e quem se deixe ficar molemente a olhar a paisagem.

E há outras também que fazem, ou querem fazer tôdas estas coisas.

Eu, depois de um retrato que tirei e dum passeio que não cheguei a dar fico-me uns momentos a olhar os longes, a côr calma do Céu que parece juntar-se ao Mar numa linha esbatida. Não há aqui recortes nítidos; é tudo suave, impreciso, ennevoado... Sem saber como ponho-me a recordar o tempo em que, garota ainda, pensava que ali era o fim do Mundo, como pensava que o cimo dos prédios mais altos tocavam no Céu. Sinto que tenho saudades dêsses pensamentos estranhos, mas que não gostaria de voltar atrás. Isto afinal é que é Vida, esta idade em que nós estamos, em que já começamos a lutar e a sentir. O resto, os nossos primeiros anos, é a inconsciência, é o deixar correr os dias, sem os medir, sem os contar, sem os saborear, um a um.

São 11 horas, temos que partir e, mesmo assim, já atrasadas.

Agora, daqui, a Leiria, à visita do Castelo.

Vou quási todo o caminho à janela, enquanto dentro, na camioneta, se canta e se converssa. A paisagem é geralmente bonita, sem saltos bruscos de côr. Aqui e ali, casas brancas e vinhas, papoilas espalhadas entre o milho baixo e o trigo já loiro. Passam homens e mulheres, em grupos, pela estrada, e os nossos braços ficam a acenar-lhes por muito tempo, numa saudação.

Finalmente é Leiria.

O Sr. Dr. Galamba, o mesmo Senhor que nos mostrara as belezas de Fátima, espera-nos agora, lá em cima, no Castelo.

A subida é um pouco difícil, por ser feita à pressa e sob um Sol quentíssimo, mas terminada, em nós, há apenas uma idéia: «Valeu a pena, valeu a pena»!

O castelo está bastante arruinado mas já foi feita a restauração em muitos pontos.

Em volta a paisagem é duma beleza garrida, cantante de côres, ensopada de verde e de Sol.

Igrejas, o Seminário, escolas, a povoação de Cegovim com a sua lenda curiosa, referente a D. Deniz e à Raínha Santa quando habitaram o Castelo...

Poderiamos saber mais, conhecer tudo o que daqui se avista, mas é tarde; temos que partir. Na descida vemos ainda a Capela e vamos de corrida para a camioneta.

Fazem-se as últimas despedidas e os últimos agradecimentos ao Sr. Dr. Galamba que tão amável foi para nós, e parte-se enfim.

E' a ocasião de se fazer o primeiro corte no nosso passeio — não sei se o de Tomar foi antes se depois.

E' impossível ir ver a Batalha; são três horas e estamos apenas com o pequeno almôço. A princípio não nos agrada lá muito a idéia, mas depois lá concordamos que tem que ser. E, depois, o estômago também tem as suas exigências...

E a viagem continua alegre e boa, como sempre — isto passando por cima do «muito sono» que algumas sentiram nesta ocasião, a ponto de não quererem senão «dormir».

Eu volto para o meu pôsto à janela; a paisagem em volta de Leiria é demasiado verde, cansa. O pinhal estende-se por quilómetros e quilómetros, sem uma única mancha a amenizar-lhe a continuidade.

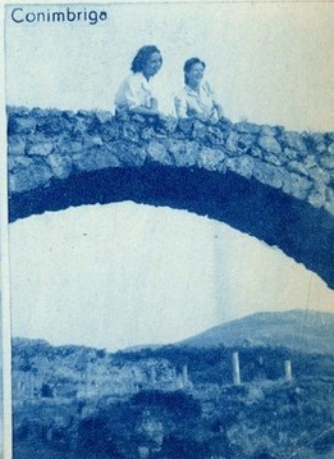
Alcobaça não é longe. Chegamos antes das 5 horas e às 5 estamos a almoçar.

Depois, um passeiozito pela vila, a inevitável visita ao Mosteiro e regresso à camioneta, que ainda falta ver Óbidos.

(Continua na pág. seguinte)

Figueira da Foz

Conímbriga

Fotografias da graduada
Maria Luísa Gomes da Costa

S[illegible] pensamento de *Job* e outro de *Santo Agostinho*, publicou agora o *Padre Moreira das Neves* o livro «*Mendigo de Deus*» cuja leitura profundamente cristã, construtiva e nacionalista é recomendável às leitoras do nosso Boletim. Abrindo-o nas páginas mais enternecedoras para a sensibilidade feminina, oferecemos «*Estrêlas nos olhos*» a tôdas que queiram conservá-las para sempre na visão e na memória.

«*Estrêlas nos olhos*» pela singeleza e harmonia da sua musicalidade poética como pela rara ternura da sua feliz inspiração é um poema que não esquece.

MENDIGO DE DEUS

PADRE MOREIRA DAS NEVES

Estrêlas nos olhos

pelo **Padre Moreira das Neves**

Naquele fim de tarde dolorida
Foi minha mãe à fonte e viu estrêlas
Projectadas na água adormecida.

Levantava-se a lua atrás das serras
E estendia brancuras sôbre as ruínas
E ao longo das estradas,
Como que desfolhando no ar um ramo
De magnólias divinas
E açucenas magoadas.

E minha mãe ia a levar à bôca
À fonte pura, para deixar nela
A sêde que a pungia,

Por três vezes se ouviu: Avé Maria!

A fonte estremunhou num sobressalto.
Em redor e por cima estava a noite,
Nua de nuvens, virginal e calma.
O silêncio rezava no céu alto.
Abriam sonhos de oiro em cada alma.

Voltou a casa minha mãe. E enquanto
Ela regava, ao fundo da varanda,
Um craveiro florido
E rescendente,
Preguntei-lhe, entre triste e surpreendido,
Piedosamente:

— Donde vens, que não vens como costumas?
As lágrimas que trazes nos teus olhos
Não são iguais a lágrimas nenhumas...

Iluminam a casa e dão à gente
A sensação de estrêlas despegadas
Das mãos de Deus abertas de repente
Às nossas mãos cansadas.

Responde minha mãe:
— É que, meu filho, fui à fonte, além,
E quando me verguei para beber,
Lembrou-se-me de ti o coração.

Então,
Vi estrêlas do céu no fundo da água,
Sem limos nem escolhos.

E já não quiz beber. E não bebi.

Recolhi as estrêlas nos meus olhos
E trouxe-as para ti!...

(Do livro **«Mendigo de Deus»** recentemente aparecido)

Podia descrever o Mosteiro, mas não seria capaz de o fazer, e, depois, quem não conhece já os túmulos de D. Pedro e D. Inês, as naves laterais, o altar do fundo, a porta de estilo... Ora, mas isto já tôda gente conhece!

Deixamos Alcobaça pelas 7 e meia.

Óbidos fica perto; talvez uma hora de caminho.

Agora esta visita tem que ser muito rápida que já se escondeu o Sol e nós tínhamos a chegada a Lisboa marcada para, o mais tardar, 10 horas.

A vila é interessante com as suas ruas estreitas e antigas, algumas cercadas de muralhas e o Castelo, graças a Deus, não fica longe.

A paisagem, tal como no Castelo de Leiria, é magnífica. Dum lado, ao longe apercebe-se a Lagôa de Óbidos; do outro fica a vila, muitos campos, e os montes, ao longe, ligando-se ao Céu. As janelas, quási tôdas sem parapeito, causam vertigens a algumas.

Continua-se a tirar fotografias, aproveitando a nossa última paragem.

«Vamo-nos embora»!

Uma última olhadela ao pôço da escada que tem um estranho poder para fazer tremer a vista, e pronto!

Adeus, Óbidos!

A camioneta vai agora numa correria para Lisboa. Parece que até se esqueceu que é a gasogénio.

Acabamos de lanchar e, como se vai fazendo noite, cada uma de nós, faz agora a sua coisa: há quem durma, há quem converse, há quem cante e há... quem não faça nada.

Lisboa continua longe e já passa da meia noite; são poucas as que conseguiram não cabecear ainda.

Como há uma, dentre as Chefes de Castelo, que faz anos no dia seguinte, faz-se disto imediatamente um pretexto para a nossa última distracção.

Cada uma tem que lhe dizer um voto em que haja espírito de amizade e espírito de Graduada. Fôram mais de 20 votos que, esperamos em Deus, ela saberá cumprir.

Para festejar distribuem-se chocolates e a chegada a Lisboa faz-se lentamente entre dentadas de chocolate e «pendedelas» de sono.

Dispersamos finalmente, no Liceu Maria Amália, às 2 e meia, cansadas, mas já com saüdades dêstes três dias que passámos juntas e — mais! — que vivemos juntas.

Idália Gomes Ferreira

Póvoa de Varzim

Ericeira

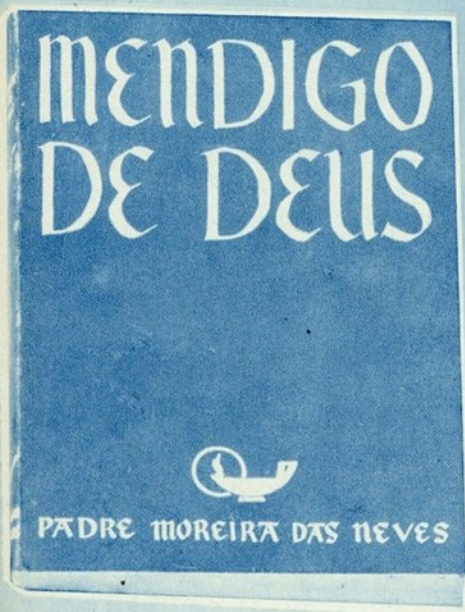
Praia da Rocha

Nazaré

Estoris

Costa Nova

Azenhas do Mar

Portinho da Arrébida

Na praia

PARTE das tuas férias, ou talvez tôdas, irás passá-las à beira-mar. Já te regalas só de pensar nas manhãs de praia, a brincar com as ondas ou a exercitar os teus talentos de nadadora...

A água e o sol prometem-te mil prazeres. Mas não abuses!

Uma permanência muito prolongada na água pode ser prejudicial à tua saúde. E não te exponhas também demasiado ao sol. Está provado que a acção dos raios solares, quando excessiva, é perigosa.

Mas se tens de acautelar-te contra êsses exagêros que podem prejudicar-te fisicamente, maior cuidado deverás ter ainda em defender-te de certos perigos morais.

O espectáculo que as praias oferecem exige que guardes os teus olhos e a tua imaginação — que defendas a tua pureza!

Com simplecidade, habitua-te a passar pelo mal sem o ver, a roçar pelo mundo sem perder as tuas asas brancas (aquelas asas que um anjo te deu, como diz o poeta).

Tens deante de ti o mar imenso e belo: quando o que vires à tua roda te repugnar, bate as tuas asas brancas e voa sôbre o mar até ao céu!

Quero crer que saberás guardar a tua alma, mas precisas de manter coerência entre a tua virtude e as tuas atitudes exteriores.

Se te apresentas com um fato de banho que revela a tua falta de pudor e ficas em paz, que delicadeza de consciência é a tua?!

E se te sentes envergonhada, pregunto ainda, que consciência é a tua que assim transige com o mal?!

Além disso, tens de pensar nos outros. E poderás tu assegurar que os olhares que envolvem a tua nudez são inocentes?

Já pesaste a responsabilidade que te cabe nos pecados que se cometem por tua culpa?

Supondo mesmo que a ti nada te faz mal — muitas raparigas têem esta ilusão e... presunção! — tens ainda o dever de evitar o que pode fazer mal aos outros.

E o teu fato de banho já sabes qual deve ser: aquêle que a «Mocidade» aprova.

E o teu modo de proceder também está indicado: rapariga alegre, desembaraçada, elegante — mas, sempre, rapariga séria.

DO "PASSEIO PÚBLICO" AO "CAMPO DE CONCENTRAÇÃO"

VOCÊS, raparigas da «Mocidade», quando à tarde saem do «Maria Amália» e descem em bando alegre a Avenida, a comentar os acontecimentos do dia, as «partidas», os «estenderetes» as «chamadas intempestivas»... emfim a tragi-comédia escolar, a caminho dos vossos lares, tal qual como a chilreante pardalada que igualmente pela tarde, depois de um dia de labuta, recolhe ao lar, às velhas árvores da Avenida, já alguma vez vos veio à lembrança o que teria sido êste trecho da Lisboa no tempo das nossas avós?

Tão diferente! tudo tão diferente!

Aproveitai êste entardecer em que uma agradável brisa empurrada do Tejo começa a fazer-se sentir e sentemo-nos num dêstes bancos — assim consigamos apanhar um vago — e evoquemos o passado desta recta, que democràticamente foi crismada de AVENIDA DA LIBERDADE e, ó ironia! tem por remate, ao norte, a Penitenciária!!!

Vocês certamente já ouviram a algum dos vossos parentes — aos velhos — referências ao PASSEIO PÚBLICO: — «No tempo do Passeio Público...» Pois, o Passeio Público era aqui. Era aqui que Lisboa marcava os seus encontros. Era aqui, no dizer pitoresco de Júlio César Machado o cronista de Lisboa do século passado, que encontravamos a «Lisboa que sai — a Lisboa que se mostra — a Lisboa que se vê e quere ser vista — a Lisboa que se arrasta — a Lisboa que boceja — a Lisboa que namora — a Lisboa que esmoe» — Era aqui que passeava a «raça elegante e a raça paparreta».

Em 1764 o arquitecto Reinaldo Manuel, cumprindo as indicações do Marquez de Pombal, ao traçar a nova cidade renascida da catástrofe de 1755 delineou o PASSEIO PÚBLICO presenteando Lisboa com um jardim que durante muitos anos foi o único refúgio que tinham os habitantes da urbe para passearem, livres da lama, com ruas muito sombrias de altos freixos generosamente cedidos por um estrangeiro, mais português que muitos portugueses, no dizer de Júlio de Castilho, o francês Jacome Ratton, dos viveiros da sua Quinta da Barroca d'Alva.

Porém, embora o Passeio Público, encerrado entre muros, fôsse o único jardim que Lisboa tinha para passear, pouca gente podia gozar tal benefício visto nem a todos ser permitida a entrada.

A Rua Oriental do passeio principiava na Rua das Pretas e terminava no Largo da Anunciada. O Largo ficava na altura do Palácio Castelo Melhor onde em breve teremos instalado o Secretariado da Propaganda Nacional. Em 1834 começou a fervilhar o desejo de «amodernar» ou como diriamos hoje «urbanizar» aquele jardim, alargando-o, embelezando-o, substituindo o tapume pintado de verde da entrada por três portões de ferro de elegante traçado deitando depois abaixo os muros e cercando-o de grades de ferro. Logo à entrada sul do Passeio havia um grande tanque tendo ao centro uma taça com repuxo sob a qual colocaram quatro figuras: duas sereias e dois tritões. A meio do comprimento do Passeio dois lagos ostentavam duas esculturas que, segundo informam, representam o Tejo e o Douro, e que Vocês ainda hoje podem admirar aqui nestes pequenos lagos laterais entre a Rua das Pretas e o Largo da Anunciada.

No tôpo norte construiram uma cascata; essa cascata tinha ao fundo um nicho que abrigava a estátua de Anfitrite e... dois cisnes de pedra guardavam-lhe a entrada.

Aos domingos, depois da elegante missa do Lorêto, a sociedade «smart» descia o Chiado e vinha dar «umas voltas» ao Passeio ao som das vibrantes bandas militares. Começava então a mistura das classes... e havia as tardes de festa e as noites da moda. As noites da moda do Passeio Público! Calor oficial! embora soprasse a nordeste e a temperatura estivesse abaixo de zero a concorrência acusava 6.000 pessoas! Destribuiam-se constipações à saida.

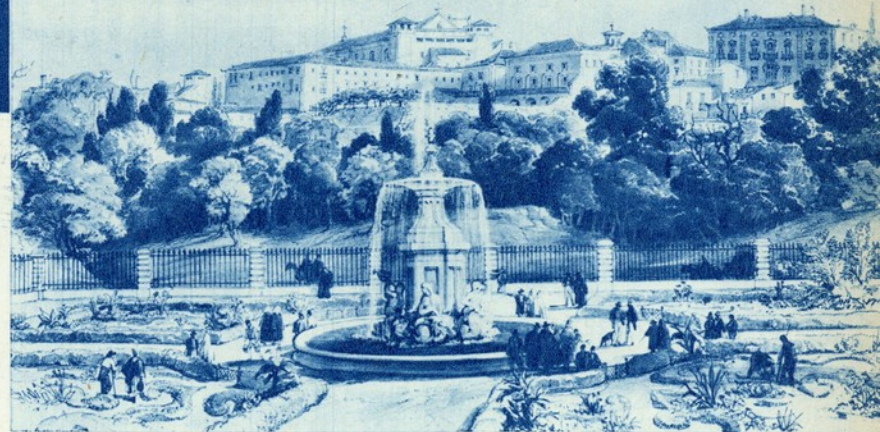
Isto às quintas e domingos porque às segundas, terças, quartas, sextas e sábados, mesmo se a temperatura fôsse tropical, a concorrência era a de um «brazileiro» ignorante de modas mas que tinha calor!

Ficaram memoráveis as festas nocturnas aqui realizadas quando se inaugurou na cidade a iluminação pública a gaz. Promoveram se estrondosas iluminações, e digo estrondosas porque além da decoração das luzes, fantástica para a época, houve demonstrações pirotécnicas, festas que movimentaram Lisboa e fartos lucros deram ao Asilo de Mendicidade, o principal beneficiado, visto ter o exclusivo do aluguel de cadeiras no recinto.

Foi aqui, no Passeio Público, que se realizaram famosos concertos regidos por M.me Ahmann e que se revelou ao numeroso público, especialmente às meninas da Rua dos Fanqueiros, Beethowen, Mozart, Haydn, Chopin, etc.

Foi aqui que se realizaram concursos de beleza. Movimentados bailes infantis organizados pelo afamado professor de dança Justino Soares que ensinou Lisboa inteira a rodopiar.

Em uma festa promovida pelo incorrigível boémio D. Tomaz de Melo e por Salvador Marques, Justino Soares apresentou-se vestido a Luiz XIV, de badine e de comprida boquilha; esta festa deu durante muito tempo assunto para pitorescas apreciações pois agitou a calmaria monótona da burguesa Lisboa!

Por um quadro do pintor Leonel Marques Pereira que se encontra hoje no Palácio de Sintra, nós podemos visionar o que era uma tarde da «moda» no acolhedor jardim em que aparecia El-Rei D. Fernando acompanhado do seu ajudante de campo que se vê a meio do quadro saüdando o público. À direita o grupo das Senhoras Limas; as Senhoras Kruzes, destacando-se dêste grupo a figura esbelta de José Daniel Colaço, um dos elegantes da época, artista pintor, premiado pela Academia de Belas Artes e humorista de valor que trocou a vida Artística pela diplomacia, tendo exercido com alta competência o logar de Ministro de Portugal junto do Imperador de Marrocos.

Passeio Público — Litografia de Vivian — 1839

Depois dos tempos áureos do Passeio Público êste foi-se democratisando, democratisando até que passou a ser o logar predilecto das «praças de pret» e das «servas» chegadas da província. E, finalmente, por 1879 um famoso edil, Rosa Araújo — o Cócó — teve a coragem de deitar abaixo o gradeamento do Passeio Público, os casebres do Salitre, a Praça da Alegria de Baixo, etc. e rompeu a Avenida da Liberdade que durante mais de quarenta anos arrastou vida calma, onde a mesclada população de Lisboa ia ouvir aos domingos a banda da Municipal e ver passar as equipagens e cavaleiros em dia de corrida de touros no Campo Pequeno...

E hoje... têem vocês aqui uma Avenida da Liberdade transformada repentinamente, pela onda de refugiados que assolou Portugal nesta hora trágica da História, num campo de concentração que tão ufanamente faz vibrar aqueles que gritam a todo o fôlego: Europeizemos Lisboa... a capital do Império!

Passeio Público! Avenida da Liberdade! Campo de concentração internacional ou Refúgio da Paz.

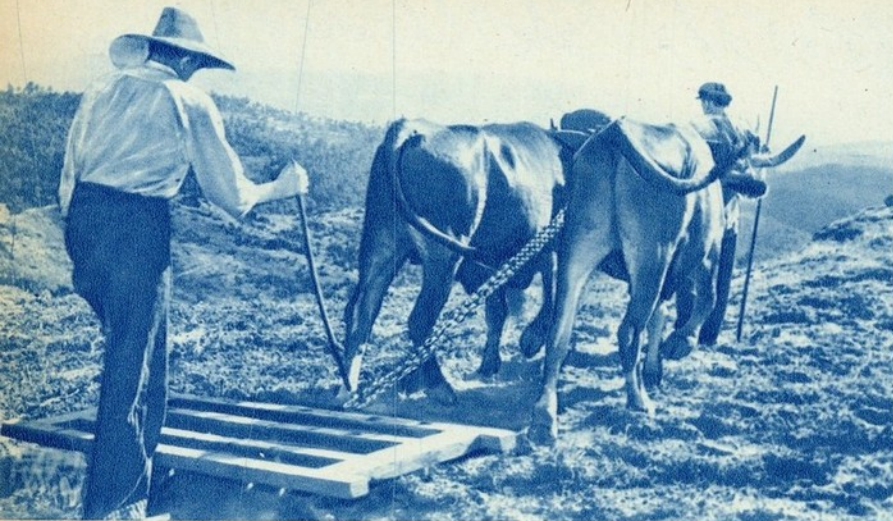
Julieta Ferrão

Passeio Público em 1856
Quadro a óleo de Leonel Pereira

Vista do Passeio Público — Litografia de Barreto, desenho de Anunciação

Justino o Grande
por Rafael Bordalo Pinheiro (de "António Maria" de 1 de Setembro de 1881.)

Concurso de Beleza no Passeio Público 1870
desenho de Rafael Bordalo Pinheiro

Foto: Eng.º Sarmento

O brinquedo do gigante

CONTA-SE que no tempo em que havia gigantes sôbre a terra, a filha duns gigantes, que moravam no alto duma montanha, um dia afastou-se da casa dos pais e desceu à planície.

Num campo, um homem lavrava com o arado atrelado a uma junta de bois.

A jóvem, habituada a viver entre os penhascos da serra, onde o pão não é semeado e onde os bois no seu passo lento jámais tinham subido, ao ver o lavrador, que aos seus olhos pareceu minúsculo, e os dois animais que dòcilmente por êle se deixavam conduzir, julgou ter encontrado um brinquedo maravilhoso e bateu as palmas de contente!

— "Que lindo brinquedo", exclamou entusiasmada.

E pegando no homem, nos bois e no arado, meteu tudo no avental e cheia de contentamento correu para o alto da montanha.

— « Olhem — disse ela, mostrando à família o seu achado — que lindo brinquedo vivo eu encontrei na planície! Gosto muito mais dêle do que de tôdas as minhas bonecas sem movimento.»

Mas o pai respondeu-lhe com ar severo: — « Minha filha, sabes o que fizeste? Sabes o que trouxeste comtigo? Tiraste um lavrador do campo, arrancaste-o ao seu trabalho, êle que é o mais útil dos humanos, êle que não receia nem o sol, nem a chuva, nem o vento, para forçar a terra a fornecer-nos os seus frutos. Sem isso a que tu chamas brinquedo, na tua ignorância infantil, não há pão para nós, os gigantes, nem para a humanidade em geral. Torna a levar bem depressa para o campo donde os trouxeste o homem com os seus bois e o seu arado, e grava na tua memória duma vez para sempre: aquele que maldosamente faz um brinquedo dum agricultor laborioso, atrai sôbre si a maldição do céu.»

Dócil e pronta, a filha do gigante desceu de novo a montanha e com infinitos cuidados foi colocar o homem, os bois e o arado no campo donde os tinha levado.

* * *

Rapariga da cidade, a quem na mesa posta aparecem todos os frutos da terra, se tu soubesses o trabalho que êsses alimentos custam aos teus irmãos humildes do campo, sentirias por êles o mesmo respeito e a mesma gratidão do gigante que considerava os agricultores os « mais úteis dos humanos ».

Imagina por um momento que paravam desocupados os braços de todos os agricultores e que sôbre a terra deixava de cair o suor do seu rosto.

Seria a fome, a desolação, a morte! É do seu esfôrço que a humanidade vive.

Se o oiro ficar nas entranhas da terra, não fará falta ao homem. Mas se a terra não der pão, nem todo o oiro poderá substituí-lo!

A Santa Igreja, quatro vezes por ano, nas Têmporas, e ainda nos 3 dias de Ladaínhas que precedem a festa da Ascenção, pede a Deus, dum modo especial, que « se digne dar e conservar os frutos da terra ».

Unamo-nos à oração da Igreja e acrescentemos-lhe uma prece pelos que trabalham no campo, para que a bênção do Senhor desça sôbre êles. É um dever de gratidão.

E quando nas férias vamos para o campo, manifestemos a nossa simpatia aos trabalhadores, falando-lhes com agrado, interessando-nos pelos seus trabalhos e auxiliando-os, se virmos que são muito pobrezinhos.

Raparigas sérias

V—Vida moderna

Seria um êrro pretender que as raparigas de 1944 vivessem como se vivia há um século, ou até há algumas dezenas de anos atrás.

Há coisas que, em si mesmas, não são boas nem más: são **convenções** que caducam com o andar dos tempos. Usos e costumes que hoje se aceitam e respeitam e que amanhã deixam de ter importância.

Não podemos cristalizar no passado; temos de ser do **nosso** tempo. Para sêres uma ***rapariga séria*** não precisas de ser antiqüada. Uma ***rapariga séria*** pode ser perfeitamente uma rapariga **moderna**, gostar de desportos, sair sòzinha, etc.

A nossa época admite usos e costumes que outrora seriam escandalosos e contra os quais, hoje, seria ridículo insurgirmo-nos.

As raparigas gozam presentemente duma liberdade que as suas mães e avós não conheceram.

Será um bem? Será um mal? Depende do modo de **usar** dessa liberdade.

Na nossa opinião, é um bem que o **abuso** transforma num mal.

A liberdade cria responsabilidades — e as responsabilidades formam o carácter. É um bem.

Mas a liberdade pode ser um mal se a rapariga não souber defender-se das tentações a que essa liberdade a expõe.

Hoje em dia, os rapazes e as raparigas convivem num à-vontade que tem vantagens mas tem também inconvenientes.

Tem a vantagem de simplificar as suas relações, se a rapariga é séria; e graves inconvenientes, se a rapariga é leviana.

A vida em comum, os jogos, os desportos, etc., que aproximam a gente nova longe da vigilância discreta dos pais, são um campo de provação para a virtude das raparigas. As que são sérias, poderão passar incólumes, porque a si mesmas se guardam; as frívolas não conseguem passar sãs e salvas, porque não sabem defender-se.

A liberdade da convivência entre rapazes e raparigas exige educação e seriedade de parte a parte.

Longe de nós a idéia de querer emboicar as raparigas e fechá-las à chave. Só condenamos o abuso da liberdade, quer êsse abuso se traduza em princípios ou se manifeste em actos. E quem poderá deixar de condenar o abuso da liberdade que leva as raparigas a

querer igualar-se aos rapazes no modo de proceder, que lhes faz perder o pudor e as coloca em ocasiões perigosas?

Embora a camaradagem por vezes afaste o amor, outras há em que o desperta. E visto que hoje se namora em liberdade, é necessário que a rapariga seja tão séria que nunca o rapaz se atreva junto dela a nada que se não permitiria se os pais estivessem presentes.

Uma *rapariga séria* tem o dever de ser prudente. Deve lembrar-se que pequenas transigências com o mal podem levar a faltas irremediáveis. Em questões de pureza têm de se evitar os deslises, porque é a escorregar que se sai do bom caminho e se resvala, sabe Deus até onde!

Diz um provérbio francês: «quando o amor domina» adeus prudência!

Uma *rapariga séria*, por mais apaixonada que esteja, nunca pode dizer «adeus» à prudência. Pelo contrário, quanto mais preso sentir o coração, mais prudente deve ser.

E se sentir a fragilidade da sua natureza, os seus pensamentos ou os seus sentidos a levantarem-se contra ela, não só deve acautelar-se, mas implorar a fôrça de Deus para a sua fraqueza.

Por mais séria que uma rapariga seja, deve ter a humildade de não confiar só em si mesma, mas pensar que só a graça de Deus poderá defendê-la bem e conservar a sua virtude.

Dizia um filósofo antigo que «o amor começa pelo real e acaba pelo ideal». Mas não será às vezes o contrário que sucede!? Começa-se por um amor idealista para se ir cair na materialidade.

Uma ***rapariga séria*** vigia os seus próprios sentimentos e não se deixa arrastar por paixões desordenadas.

E, exteriormente, é sempre digna, modesta, faz-se respeitar. Nunca se consente, nem aos outros, palavras ou atitudes incorrectas. É nisto, sobretudo, que se destinguem as ***raparigas sérias*** das raparigas frívolas.

As raparigas frívolas brincam com o amor e gloriam-se dos atrevimentos que provocam.

As ***raparigas sérias*** não se divertem a acender paixões e a *flirtar* levianamente.

Quando gostam, dão o seu coração com s i m p l i c i d a d e. E como epílogo para o seu romance de amor só admitem um: o casamento. — O mais sério acto da sua vida, que é também e seu mais lindo sonho, mas que não pode separar-se das realidades que vão pôr à prova as suas qualidades de rapariga séria.

Coccinelle

HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ

NÃO sei se já notaram a influência que tem na formação do espírito e na maneira de ser as histórias que ouvimos em criança, êsses contos que encantam tôdas as que abrem os olhos para a vida. E é natural que êsses olhos, ao defrontarem com a vida que se lhes depara rasgada e aberta em frente, anceiam por ver, não o que é a realidade de todos os dias, mas sim qualquer coisa de diferente, de belo, de irrial, e é por isso que a maioria das crianças tem o delírio dos contos de fadas, êsses contos tecidos de idealismo e de fantasia.

Eu confesso que embora gostasse muito de contos de fadas e fôsse a maneira única de me manter sossegada até aos seis anos que comecei a lêr, o meu delírio eram as histórias da minha avó.

Pedia-lhe com insistência: — Conte-me uma história, mas não de fadas, histórias da sua terra, minha avó.

E foram talvez essas histórias que fizeram de mim a curiosa de viagens, sempre no desejo de ver terras novas e de viver mil vidas numa só vida porque viver noutros países dá-nos sempre a sensação de viver uma outra vida, dentro daquela que é a nossa, no nosso próprio país.

E são essas histórias que eu vou agora recordar e contar às minhas leitoras.

Minha avó era argentina. Descendente duma família espanhola que tinha emigrado para a República Argentina, por motivos políticos. Família com ramificação em Nápoles, durante a dominação dos espanhóis naquêle estado da península de Itália.

Família que se desligára da Europa e vivia a vida intensa dum povo novo. Tinha casa em Buenos Aires, a linda cidade que já nêsse tempo avançava em civilização, casa em Dolores, uma cidadezinha pequena da província — hoje uma grande cidade — e uma enorme estância de criação de gados quási nos Pampas.

E nessas lindas histórias que a minha avó contava com o entusiasmo que pôem na sua narrativa os desenraizados, que recordam o seu país e teem de viver a sua vida num país em que não nasceram e onde não têm para êles recordações de infância, embora o amem por ser a pátria de seus filhos, entusiasmo que se repetia na minha alma infantil mas já entusiasta de tudo o que era novo e belo.

E assim através das suas histórias eu vivia uma vida àparte, vendo as lindas festas do Natal num país onde o Natal se festeja com calor, fazendo em espírito viagens de mala posta, duma cidade para a outra, e para a estância onde uma parte da viagem se fazia a cavalo, em caravanas.

Assistindo às grandes matanças de gado para aproveitamento de coiros, sendo a carne dada a todos que a pediam, num país onde não havia pobres porque havia a abundância dos países novos que teem tantas riquezas a explorar.

E com a sua narrativa via também domesticar potros novos e bravos que "gauchos" destemidos domavam obrigando-os a suportar cavaleiros.

As visitas às estâncias mais próximas a duas e a três léguas, que se faziam a cavalo, maneira de condução que com o delírio que eu tinha pela equitação me fazia parecer o mais agradável por ser talvez o mais independente nêsses tempos que já lá vão.

E como me encantavam essas histórias de passeios nas campinas à procura de ninhos, onde se encontravam ovos de avestruz, que cosinhados nas cinzas quentes duma fogueira forneciam um almôço, ovos de côres variadas, ovos de "teru teru," de "ben-le-veo picaton" de tantos pásssaros para mim desconhecidos, porque nunca os vira, mas que na minha fantasia eu conhecia melhor que os pardais que no jardim ou nos telhados piavam tôdas as manhãs e tardes no seu delírio de viver.

Caçadas ao guanaco que se defende do homem lançando-lhe o seu fétido líquido.

E deante dos meus olhos de criança àvida de vida, passava a vida larga dum país rico e pujante de fôrça.

Histórias da dominação do tirano Rosas e da sua agitada vida, histórias da Fidélia, a criada mulata. Emfim tôda uma vida intensa e para mim tão diferente da que fazia em criança, no colégio e na vida familiar tão sossegada e pacífica. E como a minha imaginação me fazia vêr nos sotas que montados nas mulas faziam as deanteiras dos carros americanos, que serviam na minha infância a população de Lisboa, gauchos, cavaleiros destemidos vencendo potros bravios.

E para sempre as histórias da minha avó com o seu sabôr de outro hemisfério, com as suas originais descrições, gravaram no meu espírito o desejo de vêr terras, de viajar, de conhecer um mundo qne para a maioria das crianças se limita ao meio em que vivem e que para mim nos anos da mais tenra infância me rasgavam já os vastos horizontes de viagens por mar, de países novos, duma vida tão intensa e tão diferente e criaram em mim a fantasia que doira a vida. E é com a terna saùdade do grande afecto da minha infância que eu recordo as histórias da minha avó, essas histórias dum sabor de outro tempo e de outro país.

Maria d'Eça

A ALEGRIA,
Companheira de Férias

Conta-se que o proprietário dum casino elegante anunciava que na sua casa se podia encontrar todo o luxo e confôrto, todos os prazeres possíveis mas, acrescentava: «a alegria, que cada um a traga consigo».

Assim, ao partir para férias, vamos ao encontro de tantas coisas boas, descanso, liberdade, divertimentos, ar livre, e no entanto as nossas férias dependem, para serem boas, de que levemos connosco ou adquiramos lá, uma coisa única: alegria.

A alegria é uma espécie de luz que vai conosco e faz brilhar tudo o que nos rodeia.
A alegria é uma fôrça que nos ampara quando estamos cansados ou com vontade de desanimar.
A alegria é um bem mais valioso que o ouro e os diamantes.
A alegria é uma felicidade doce e vivaz que cada um sente no seu íntimo e se comunica aos outros.
A alegria embeleza e dá simpatia.
A alegria é um hino de louvor perene ao Criador de tôdas as coisas boas.
Mas a alegria, sendo um bem tão grande, anda como tantas coisas hoje em dia, muito falsificada...
Cuidado não tomemos por alegria qualquer dessas imitações grosseiras por aí tão espalhadas...
A alegria não está nas gargalhadas trocistas e maliciosas.
A alegria não está no prazer e na excitação das noites passadas a dançar no casino.
A alegria não está no luxo e no exibicionismo de ser a mais bem vestida ou mais admirada.
Alegria é ter na vida uma missão, e cumprir.
Alegria é valorizarmo-nos, ser útil, servir!
Alegria é ter um coração largo e terno que sabe amar, que sabe dar-se!
Essa é a verdadeira alegria que se conquista, que pede esfôrço, mas que compensa bem.

A alegria pede simplicidade. Na vida há tantas fontes de alegria que nós desprezamos, não vemos. Passamos a seu lado sequiosas e não paramos. Somos complicadas.

Tenho uma amiga, alma alegre e dedicada, que está noiva, e contando os seus projectos de futuro diz-me assim:

— «Os meus filhos hei-de levá-los logo de manhã a uma janela aberta ou a um jardim, para que sintam a alegria duma manhã fresca e luminosa, dos passarinhos que vôam e chilreiam, duma fôlha verde tão perfeita e completa. Quero abrir-lhes os olhos sôbre tudo o que é lindo, para que dêem graças a Deus e se alegrem.»

No campo físico, intelectual, espiritual há tantas alegrias a colhêr, que a alma em paz saboreia docemente.

Em férias quantas pequenas e grandes coisas que dão alegria, mas para isso é preciso que a alma se não deixe arrastar no turbilhão das coisas inúteis, das idéias ôcas, das horas vazias.

Férias ocupadas, férias divertidas, férias elevadas!

A alegria vem de dentro para fora, é preciso pedi-la a Deus, para que Êle nos mande, como fez a Tobias, um Anjo com esta mensagem:

A alegria seja contigo!

Maria Augusta d'Alpuim

VII SALÃO DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA DA M. P.

Lista dos prémios atribuidos

Grupo A — Centros em Escolas Industriais e Casas de Trabalho

1.º — *SECÇÃO ARTÍSTICA — Desenho, pintura, escultura, arte aplicada, cartonagem, objectos para adôrno do Lar, fotografia, etc.*

O 1.º, 2.º e 3.º prémios não foram atribuidos.

Com MENÇÃO, DIPLOMA HONORÍFICO e 100$00: — *Almofada* — Maria José Raposo de Sousa, Infanta n.º 59.737, Centro n.º 2 em Ponta Delgada, Escola Industrial «Velho Cabral»; *Caixa de Lenços* — Maria Celeste Pires, Lusa n.º 50.906, Centro n.º 1, Ala 3, Divisão Estremadura, Instituto de Odivelas; *Caixa Regional* — Maria Edith Pinto Vinhais, Infanta, Centro n.º 30, Ala 1, Divisão Douro Litoral, Escola Industrial «Infante D. Henrique»; *Caixa Regional* — Maria Filomena, Centro n.º 24, Ala 2, Divisão Estremadura, Escola Industrial «Machado de Castro».

Grupo B — Centros em Liceus, Colégios e Escolas Comerciais

1.º — *SECÇÃO ARTÍSTICA — Desenho, pintura, escultura, arte aplicada, cartonagem, objectos para adôrno do Lar, fotografia, etc.*

1.º prémio, DIPLOMA HONORÍFICO e 500$00: — *Conjunto de mobília de quarto de estudo* — Maria de Lourdes Reis Silva, vanguardista, Centro n.º 2, Ala 2, Divisão Estremadura, Liceu «D. Filipa de Lencastre», Lisboa; 2.º prémio, idem e 300$00: — *Moldura e jarras com palmitos* — Maria Helena Câncio Costa, Centro n.º 1, Ala 2, Divisão Estremadura, Liceu «Maria Amália V. de Carvalho», Lisboa; 3.º prémio, idem e 200$00: — *Conjunto para sala de estar* — Maria Alexandrina Pimentel, Vanguardista, Centro n.º 1, Ala 2, Divisão Extremadura, Liceu «Maria Amália Vaz de Carvalho», Lisboa.

Com MENÇÃO, DIPLOMA HONORÍFICO e 100$00: — *Encadernação em couro para o Boletim da M. P. F.* — M. Tereza Barreiros Amaral Fortes, Centro n.º 9, Ala 2, Divisão Estremadura Centro Extra-Escolar, Lisboa; *Quadro com maravilhas* — Maria Helena Mayone Dias, Vanguardista, Centro n.º 3, Ala 2, Divisão Estremadura, Liceu «Pedro Nunes», Lisboa; *Quadro de menino* — Maria do Carmo Orey Cunha, Centro n.º 8, Ala 2, Divisão Estremadura, Colégio «Jesus Maria José», Lisboa; *Albuns com pontos de fantasia e de remendos* — Maria Raquel Silveira Cunha, Centro n.º 3, Ala 2, Divisão da Estremadura, Liceu «Pedro Nunes», Lisboa.

2.º — *SECÇÃO DE LAVORES FEMININOS — Bordados, rendas e tapeçarias.*

1.º prémio, DIPLOMA HONORÍFICO e 500$00: — *Colcha em bordado de Castelo Branco* — M. Teresa Lencastre e M. Lourdes Barroso, Lusas, Centro n.º 3, Ala 1, Divisão Douro Litoral, Colégio «N.ª S.ª do Rosário», Pôrto; 2.º prémio, DIPLOMA HONORÍFICO e 300$00: — *Conjunto (tapetes, almofada e caixa)*, M. Helena Salvador, representando um grupo de Lusas, Centro n.º 16, Ala 2, Beira Litoral, «Centro Universitário», Coimbra; *Conjunto para altar* — Alda Miranda Gago, Vanguardista, Centro n.º 12, Ala 2, Divisão Estremadura, Colégio Parisiense, Lisboa; *Conjunto para altar* — Irene Jesus Semião, Centro n.º 1, Ala 2, Divisão Estremadura, Liceu «Maria Amália Vaz de Carvalho», Lisboa; *Toalha de altar* — Rosa Mota e Helena Cardoso, Lusas, Centro n.º 16, Ala 4, Divisão Estremadura, Escola «Alexandre Herculano», Amadora; *Toalha bordada a crivo* — Maria Rosa Nunes, Centro n.º 3, Ala 9. Divisão Algarve, Colégio de Santa Catarina, Monchique; *Toalha bordado regional* — Maria Glória Evaristo, Centro n.º 70, Ala 2, Divisão Estremadura, Escola Comercial «Patricio Prazeres», Lisboa; *Panneau* — Maria Manuela Gonçalves Monteiro, Centro n.º 13, Ala 2, Divisão Estremadura, Colégio «O Novo Académico», Lisboa.

BRAGA — Exposição de berços e enxovais

3.º — *SECÇÃO INDUSTRIAL — Peças de vestuário e paramentos religiosos.*

O 1.º, 2.º e 3.º prémios não foram atribuidos.

Com MENÇÃO, DIPLOMA HONORÍFICO e 100$00: — *Vestido e sapatinhos de criança* — M. Angela Ribeiro e Blouette Lopes, Vanguardista e Infanta, Centro n.º 1, Ala do Funchal, Divisão da Madeira, Liceu «Jaime Moniz», Funchal.

SECÇÃO LITERÁRIA — Composições em prosa ou em verso, ilustradas com desenhos.

1.º prémio, DIPLOMA HONORÍFICO e 500$00: — *«O bago de arroz»* — Irene Lima Mendes, Centro n.º 3, Ala 2, Estremadura, Liceu Pedro Nunes, Lisboa; 2.º prémio, idem e 300$00: — *«Mocidade Portuguesa»* Maria Olivia Silva Lopes, Vanguardista, Centro n.º 24, Ala 1, Douro Litoral, Escola Comercial Oliveira Martins, Pôrto; 3.º prémio, idem e 200$00 : — *«Oração de criança»* — Celeste Morgado, Centro n.º 3, Ala 2, Estremadura, Liceu Pedro Nunes, Lisboa.

Com MENÇÃO HONROSA, DIPLOMA HONORÍFICO e 100$00: — *«A vingança do deserto»*, Maria Albertina Correia Monteiro' Vanguardista, Centro n.º 2, Ala 2, Estremadura, Liceu D. Filipa de Lencastre, Lisboa; *«Esta é a ditosa Pátria minha amada»* M. de Lourdes Matos Pintassilgo, Infanta, Centro n.º 2, Ala 2, Estremadura, Liceu D. Filipa de Lencastre, Lisboa; *«Fim» (poesia)* — M. Dora Côrte-Real e M. Alice Ferreira, Centro n.º 75, Ala 1, Douro Litoral, Colégio de N.ª S.ª da Bonança, Pôrto; *«2 Sonetos»* — Maria Judite Parente da Silva Abranches, Centro n.º 3, Ala 2, Estremadura, Liceu Pedro Nunes, Lisboa; *«Carta»* — Maria Amélia Tôrres Pereira Osório Barros, Centro n.º 1, Ala 3, Alto Alentejo, Colégio João das Regras, Vila Viçosa.

Grupo C — Centros em Escolas Primárias

1.º — *SECÇÃO ARTÍSTICA — Desenho, pintura, escultura, arte aplicada, cartonagem, objectos para adôrno do Lar, fotografia, etc.*

1.º prémio, DIPLOMA HONORÍFICO e 150$00: — *Uma capa em couro* — Ana Maria Pedro, Infanta n.º 14.164, Centro n. 49, Ala 2, Divisão da Estremadura, Escola Primária n.º 41, Lisboa; 2.º Prémio, idem e 100$00: — *Desenhos (Semana Santa, Deus Criador, Presépios)* — Maria Francisca Lima, representando um grupo de filiadas, Centro n.º 5, Ala 2, Divisão do Minho, Escola de Aplicação anexa à do Mag. Primário, Braga; 3.º prémio, idem e 50$00: — *Desenho «Amar a Deus sôbre tôdas as coisas»*, Isabel Maria Seixas Arantes, Centro n.º 25, Ala 2, Divisão da Estremadura, Colégio Escola Primária de S. Mamede, Lisboa.

2.º — *SECÇÃO DE LAVORES FEMININOS — Bordados, rendas, tapeçarias.*

1.º prémio, DIPLOMA HONORÍFICO e 150$00: — *Toalha ponto de Talavera* — Maria de Lourdes Aires, Infanta n.º 25.657, Centro n.º 49, Ala 2, Divisão da Estremadura, Escola Primária n.º 41, Lisboa; 2.º prémio, idem e 100$00: — *Barra de lençol* — Maria do Céu Velozo, Centro n.º 29, Ala 2, Divisão da Estremadura, Escola Primária n.º 39, Lisboa; 3.º prémio, idem e 50$00: — *Conjunto de tapetes de Arraiolos* — Maria Inácia Freixo Leitão,

BEJA — Exposição de berços e enxovais

representando um grupo de filiadas, Centro n.º 1, Ala 4, Divisão do Alto Alentejo, Escola Primária, Arraiolos.

3.º — SECÇÃO INDUSTRIAL — Peças de vestuário e paramentos religiosos.

1.º prémio: — *Camisola bordada* — Margarida Franco Pacheco, Centro n.º 52, Ala 2, Divisão da Estremadura, Escola Primária n.º 86, Lisboa; 2.º prémio, não foi atribuido; 3.º prémio: — *Mala de criança (cão)* — Nelma Dias Bessa, representando um grupo de Lusitas, Centro n.º 63, Ala 1, Divisão do Douro Litoral, Escola de Aplicação n.º 12, Porto.

2.º — SECÇÃO LAVORES FEMININOS — Bordados, rendas, tapeçarias.

1.º prémio, DIPLOMA HONORÍFICO e 500$00: — *Toalha de chá* — Maria das Mercês G. da Silva, Lusa, Centro n.º 5, Ala 5, Divisão Estremadura, Escola Industrial «João Vaz», Setúbal; 2.º prémio, idem e 300$00: — *Pano de organdi bordado a branco* — Maria Augusta Matos, Centro n.º 23, Ala 2, Divisão Estremadura, Escola Industrial «Afonso Domingues», Lisboa; 3.º prémio, idem e 200$00: — *Naperon de bilros* — Rogélia dos Santos Sequeira, Lusa n.º 37.396, Centro n.º 1, Ala 4, Divisão Algarve, Escola Industrial «João de Deus», Silves.

Com MENÇÃO, DIPLOMA HONORÍFICO e 100$00: — *Pano de Tule (Bordado da Bretanha)* — Maria Otília Valente, Vanguardista, Centro n.º 74, Ala 1, Divisão Douro Litoral, Escola Industrial «Passos Manuel», Pôrto; *Pavilhão de Sacrário* — Stella Melo Cardoso, Centro n.º 61, Ala 2, Divisão Estremadura, Escola Industrial «António Arroio», Lisboa; *Toalha de chá* — Maria Júlia Cristina Ribeiro, Lusa n.º 43.046, Centro n.º 1, Ala 4, Divisão Algarve, Escola Industrial «João de Deus», Silves; *Pano bordado* — Alice Jesus S. Nunes, Centro n.º 23, Ala 2, Divisão Estremadura, Escola Industrial «Afonso Domingues», Lisboa.

3.º — SECÇÃO INDUSTRIAL — Peças de vestuário e paramentos religiosos.

1.º prémio, DIPLOMA HONORÍFICO e 500$00: — *Paramento (casula)*, Alice da Conceição Carvalho, Lusa n.º 20.516, Centro n.º 1, Ala 3, Divisão Estremadura, Instituto de Odivelas; 2.º prémio, idem e 300$00, não foi atribuido; 3.º prémio, idem e 200$00: — *Blusa* — Maria Celeste Pires, Lusa n.º 50.906, Centro n.º 1, Ala 3, Divisão Estremadura, Instituto de Odivelas.

Com MENÇÃO, DIPLOMA HONORÍFICO e 100$00: — *Vestidinho de criança* — Maria Fernanda Cancela Andrade, Centro n.º 24, Ala 2, Divisão Estremadura, Escola Industrial «Machado de Castro, Lisboa.

SECÇÃO LITERÁRIA — Composições em prosa ou em verso, ilustradas com desenhos.

1.º prémio, DIPLOMA HONORÍFICO e 150$00: — *«Alentejo»* — Maria Ana Queiroga, Centro n.º 3, Ala 4, Alto Alentejo, Escola Primária, Vimieiro.

Não foram atribuidos mais prémios nêste grupo.

Setúbal

A Ex.ma Sub-Delegada de Setúbal enviou à Ex.ma Delegada Provincial da Estremadura a seguinte notícia sôbre a «Embaixada da Alegria» ao Sanatório de Outão, que teve lugar no passado Domingo de Páscoa:

«Dignou-se dar V. Ex.a todo o apoio à colaboração pedida pela M. P. à M. P. F. para a «Embaixada da Alegria» ao Sanatório de Outão, no passado Domingo de Páscoa, 9 de Abril.

Venho, pois, comunicar a V. Ex.a, que em todos os Centros desta Sub-Delegacia encontrei grande entusiasmo por aquela iniciativa, tendo dado a M. P. F. mais uma prova da sua esplêndida formação moral, que tem vindo sempre tão bem preparada por V.as Ex.as.

Entre os Centros consegui colhêr, para aquela jornada Cristã, 2.178$80 em dinheiro e caixotes de brinquedos, livros infantis, amêndoas, bolos, chocolates, enfim, uma soma boa de coisas várias que bastante avolumaram as ofertas para aquêle dia.

Nêsse Domingo de Páscoa, umas quarenta filiadas acompanhadas por três Dirigentes foram ao Sanatório, ajudando na distribuição dos brinquedos e bolos.

Em seguida à distribuição, o Director do Sanatório, Sr. Doutor Mendes Dordio, ligou o microfone para as enfermarias, iniciando-se então a 2.a parte do programa que pertenceu exclusivamente à M. P. F. Cantaram alguns números e recitaram outros, todos muito aplaudidos, terminando com o hino da Mocidade, acompanhado também pelos doentinhos.

Terminou assim aquela festinha que a todos deixou gratas recordações.»

Durante o almôço que se seguiu à festa religiosa da Escola Comercial Patrício Prazeres

CAROLINA HERSCHEL

Carolina era irmã do célebre Guilherme Herschel, que se tornou conhecido, primeiro como músico e em seguida (e isso é que o imortalizou), em astronomia. Mas não teria alcançado tanta cultura e tanta fama se não tivesse a seu lado a irmã, que lhe fazia os cálculos complicadíssimos, que assentava tôdas as suas observações, que catalogava as suas descobertas (e as dela também...) e que a par disso lhe governava a casa com economia, mas dando-lhe todos os confortos materiais e morais de que um homem intelectual precisa para trabalhar. A história da ciência não os separa e na verdade, quem deseja conhecer a vida de Guilherme Herschel tem que as estudar juntas porque separadas as suas existências são incompletas, tão ligadas foram pelo mesmo ideal.

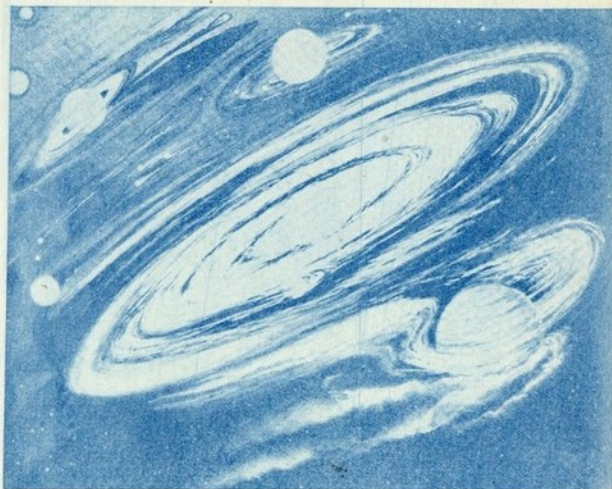
// //

Carolina nasceu em 1750 em Hanover onde o pai se estabelecera com a família e se dedicava à música. Fazia parte da orquestra do Rei. Seus filhos varões, também aí tocavam, quando necessário, pois todos cultivavam essa arte. De volta, a casa, dos concertos, discutiam com o pai e amigos assuntos musicais e filosóficos, prolongando os serões até tarde. A pequena Carolina ouvia da porta, encantada, mas sua mãe não a deixava entrar e tomar parte na conversa, pois achava que uma rapariga só devia discutir assuntos da cozinha, costura e crianças. Senhora virtuosa e boa dona de casa, era da velha escola; e só via provas de futilidade nas ambições intelectuais da filha mais nova, que a levavam a preferir a companhia dos irmãos à da sua irmã, caseira e boazinha, mas que se resignara fàcilmente a ser a creada grave da família.

No entanto, Carolina, sem deixar de lavar os pratos e fazer as camas, ia aprendendo matemática, álgebra, botânica e outras coisas que os rapazes da casa lhe iam ensinando.

Ao contrário do que costuma acontecer, não foram os seus preferidos os irmãos da sua idade. A sua admiração e afecto foram todos para Guilherme que tinha mais doze anos do que ela. Este foi novo ainda para Inglaterra, onde se estabeleceu em Bath, cidade de águas e velhas tradições, que estava, então, no auge da moda e da prosperidade.

Ensinava aí música, era organista duma capela particular e organizava concertos. Tornou-se muito conhecido e precisou estabelecer-se com mais dignidade e confôrto. Lembrou-se então de sua irmãzinha, tão sua amiga e tão cheia de boa vontade de aprender. Governaria a casa e seria a sua ajudante em todos os seus trabalhos.

Esta proposta foi recebida por Carolina com enorme alegria. Via nela a possibilidade de realizar o seu maior desejo: o de conseguir tempo e ocasião para se instruir. E sôbre esta vantagem teria a ventura de viver com o seu querido Guilherme.

Mas o irmão mais velho, Jacob, não a deixou partir. Fazia falta em casa.

Carolina, no entanto, sem desanimar, começou, às escondidas, de manhã, antes das 7 horas (hora em que começava o seu trabalho caseiro), a adiantar tôdas as tarefas que lhe eram impostas. A fazer pares e pares de meias e de peúgas, luvas de malha e camisolas. Quando, meses depois, Guilherme veiu a Hanover, os seus trabalhos estavam adiantados dois anos!

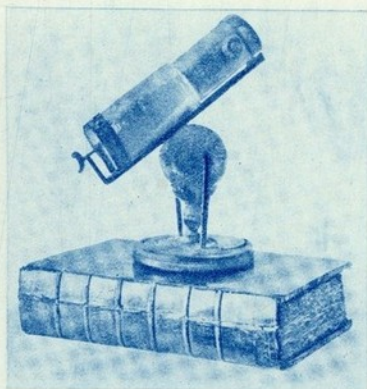
Não havia já motivos para a não deixarem seguir viagem... Assim, aos 22 anos, conseguia estabelecer-se com seu irmão e começou a sua vida em Bath, onde a par de tantas vantagens teve primeiro a impressão triste de ser estrangeira e de ter que se adaptar a uma maneira de viver e de sentir que lhe eram desconhecidas.

Cantava, o que lhe dava muito prazer, nos córos dos concertos organizados por Guilherme; mas já estava, entretanto, a ser instruída, por êste, na ciência da astronomia.

Começou esta vocação a impor-se com mais fôrça, aos irmãos, do que a da música. A pouco e pouco deixaram uma para se dedicarem inteiramente à outra. E transformaram as suas salas em oficinas e ali construiram os telescópios (enormes para a época) que lhes permitiram descobrir cometas, constelações e vulcões na lua, que nunca tinham sido avistados.

Herschel polia os vidros e espelhos dos instrumentos e tendo chegado a estar nêste trabalho 14 horas a seguir, só resistia ao cansaço por Carolina o ir alimentando, metendo-lhe a comida na bôca.

Colocaram os telescópios no jardim e passavam as noites húmidas de Inglaterra a percorrer com a vista os céus, de onde traziam sempre novidades.

O nome dêstes irmãos tornou-se tão conhecido que o Rei e a Rainha os quiseram vêr e pedir explicações sôbre as suas descobertas. A seguir a Suas Magestades tôda a família real e a côrte os honrou com o seu interêsse. Guilherme foi nomeado astrónomo real com os honorários £ 200 por ano, o que fez dizer a Sir William Watson «que nunca o monarca tinha comprado honra tão barata». Mas o astrónomo achou isso suficiente, pois permitia-lhe entregar-se completamente ao seu ideal. A sua irmã foi concedida a pensão de £ 50. Carolina ficou radiante. Era o primeiro dinheiro que podia considerar

inteiramente seu. Instalaram-se melhor, puderam trabalhar com mais facilidade em Greenwich.

Anos mais tarde, em 1788, Guilherme casou. Sua mulher era boa e meiga, mas Carolina teve a prudência de se retirar para uma casita à parte.

Vinha ajudar o irmão quando êste a mandava chamar e a-pesar-de se sentir só e triste, nunca abandonou as suas investigações.

A maior alegria da sua vida foi o nascimento do sobrinho, que, já vèlhinha, ainda viu glorificado, também como um grande astrónomo.

Quando Guilherme Herschel faleceu, regressou ao seu país. Nunca deixou de estudar nem de se interessar pela astronomia. Morreu de muita idade e cheia de considerações.

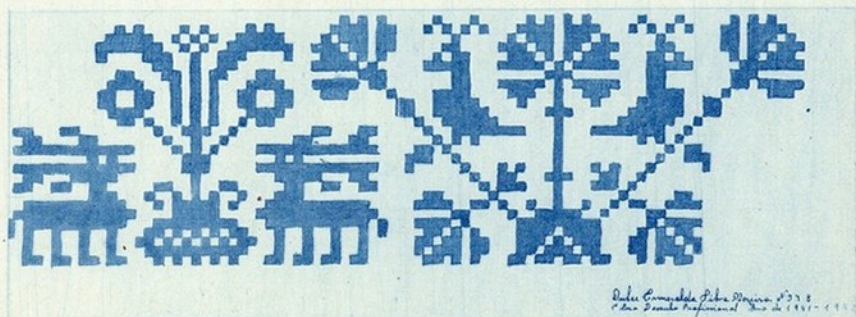
No seu túmulo lê-se a inscrição seguinte:

«Tornou-se célebre pela comparticipação nos trabalhos de seu irmão G. Herschel. Os seus olhos constantemente voltados para o céu, tornaram-na um exemplo e um símbolo para as futuras gerações.»

Francisca de Assis

TRABALHOS DE MÃOS

Barras em ponto de Cruz

DOIS TRABALHOS PARA FÉRIAS: SIMPLES E BONITOS!

PARA LER AO

das. Primeiro que uma pessoa esteja arranjada em têrmos, com o «rouge», as unhas, e tudo mais, são horas. E' claro que me deitava, depois, durante o dia: mas qual sossêgo nem qual carapuça! eram os galos da quinta aos berros, as crianças a brincar, os cães a ladrar... Levantava-me só para o chá, é claro; e sempre com dôres de cabeça. Depois, na praia... ainda foi pior!

— Mas...

— O sol de queimar: fiquei com os braços encarnadíssimos, apesar dos óleos. E emagreci quatro quilos! Por último fartei-me de perder ao jôgo: queres crer que fiquei desfalcada em contos de reis?!

— Coitada... — murmurei.

— Dizes bem, filha: coitada de mim — concluiu — que tristes e ridículas férias! E que falta de noção do que é bom, simples, são, agradável ..

Gosem as suas férias, queridas Amiguinhas: mas vivam com *simplicidade*, nessa época de repouso para o corpo e para a alma

Carta às raparigas

FÉRIAS BOAS!

QUAL de vocês, queridas Filiadas da M. P. F. não sente um estremecimento de alegria com a idéia das fèrias próximas?? Parece que lhes chegam baforadas do ar salino das praias, ou do ar fino das serras, ou do ar môrno dos pinhais, ou do ar perfumado dos campos... De *outro* ar, em todo o caso, diferente do das cidades e das vilas. E depois... o não ter lições, nem ter estudos, não ter obrigações... Ai, porém, discordo de vocês *em absoluto*: obrigações temos sempre, seja tempo de férias ou não. A questão é classificar bem essas obrigações, tornando-as repousantes, agradáveis e, sobretudo, úteis. É preciso que as *Férias boas* tenham sempre um resultado prático: para o *corpo*, refazendo-lhes as fôrças diminuidas pelo trabalho do inverno; para o *espírito*, aumentando nele a cultura e o desenvolvimento; para a *alma*, fazendo-a mais elevada pela prática de bom apostolado e de boas obras.

Dou-lhes, pois, um grande conselho, queridas Amiguinhas, fácil de pôr em prática: façam o programa dos seus dias conforme sejam, é claro, as suas férias. Dividam o tempo entre a *higiene*, o *trabalho manual*, o *prazer*, o *exercício*, a *leitura*, o *repouso*, a *caridade inteligente*. E que êsse programa, oiçam bem! fique escrito e não só na vossa idéia, à mercê do esquecimento. No fim dessas *Férias boas* que alegria terão tôdas ao constatar que *cumpriram*, que *realizaram* o seu programa! Recordo que há anos, em conversa com uma rapariga amiga, nova como vocês e, como vocês, bem intencionada, lhe preguntei pelas suas férias, passadas nesse verão em excursões várias, acabando por uma temporada na praia da *moda*.

— Deste-te bem, Nela? Gostaste das tuas férias? Divertiste-te? — preguntei.

Uma expressão enjoada apareceu no rosto emagrecido, carregado de vermilhões vários.

— Uma espiga, tudo. — respondeu — Para apanhar os combóios, sempre madruga-

MARIA RITA, SOLTEIRA

(Continuação)

A Isabel Cunha, irmã muito mais velha de dois rapazes pela idade do Manuel, observou: — Passa-se qualquer coisa de anormal; então a Miss Norman não avisou o Simão e a mulher que preparassem o almoço?

O José João declarou, com impertinência:

— Talvez a Miss Norman entregasse o caso às criadas, em logar de... — mas a pobre Miss, escarlate e gaga, protestou com veemência:

— Eu escrever três dias há! Não póde intende, não póde! Onde Simon? Onde Marria Djosé? E lunch nós?

A Matilde lembrou-se de meter a sua colherada dizendo, com ares entendidos e superiores: — Lá do Simão nan sê; e aqui no mê cabaz há pitéus que chegam para todos, graças à Divina Providência!

Mas a mãe Silveira disse:

— Nada disso, sr.ª Matilde. O melhor é irmos já para o Alfeite, que lá se há-de arranjar almoço.

E lá fômos para o Casal das Rôlas, a enganar a fome cantando côros variados. Só a pobre Miss Norman é que ia cabisbaixa; e quando se decidiu a abrir bico foi uma espécie de gemido ridículo:

— Onde Simon? Onde Marria Djosé?

Ao chegar ao Casal das Rôlas a Sr. D. Maria Silveira chamou a caseira. E quando lhe participou que teria de arranjar comida para 20 pessoas... esfomeadas, a mulhersinha deu uma estrondosa gargalhada e respondeu:

— Pronto, sr.ª D. Maria! Migas de bacalhau (tenho ali a água d'onde o cosi prá gente), ovinhos postos d'honti com chouriço, «brólicos» temperados! E é o que se póde ter a geito em meia hora.

Mas como havia, ainda, o cabaz da Matilde, destinado a uma vaga merenda à volta para Lisboa, não se calcula o que foi o opíparo almôço no Casal das Rôlas! Eu fiquei ao lado do José João; é o rapaz mais interessante que conheço! Está a estudar Direito em Coimbra. Falámos de tudo quanto há! Cheguei a esquecer o sítio onde estava... Somos muito amigos: e já combinámos (sem ninguém saber), casar um com o outro quando êle se formar. Entendemos-nos tão bem! E êle há-de ser advogado como o Pai. Os Britos não são ricos; e os pais já morreram ambos. Quando, no fim do almoço ouvi gritir:

— Mirri! Mirri! Estás mouca?! — é que cai em mim. A Isabel disse-me ao ouvido: — Então isso é noivado ou o que é? — eu respondi, risonha: — Se Deus quizer, Isabel!

Mas não gostei muito de ouvir o José João rir à socapa com um dos amigos do Gonçalo e dizer-lhe (eu tenho um ouvido de tísica!) — Flirts! Namoricos! Amores! é o que há de melhor nas nossas idades! Toca a aproveitar...

E' claro que êle não se referia a mim.

Depois daquêle belo almôço, quando estávamos todos no pinhal (um pouco espapaçados, valha a verdade) e eu admirando a linda vista sôbre o mar da palha, a Isabel disse:

— Se êste passeio fôsse quando eu era rapariga nova (a Isabel tem 40 anos) sabem o que faria nestas alturas?

— Versos! — gritou o Gonçalo, em ar de troça.

— Dormia a sesta: e era uma ideia estupenda! — disse o Manuel, escancarando a sua bocarra duma maneira vergonhosa.

— Nada disso. E o que decerto ninguém faria, Manuel, era bocejar assim deante de todos...

O Manuel ficou vèxado, e bem mereceu a lição. Mas como, no fundo, é muito «joia», disse, humildemente:

— Tem razão, Isabel; portei-me como um javardo.

A Isabel continuou:

— Se estivéssemos aí por 1915 ou 1920, num «pic-nic» como êste, jogavam-se jogos.

— Que jogos? Diga lá, Isabel! — pediu a Luizinha.

— Ensine, sim? — insistiu o Nuno, correndo a sentar-se ao pé da Isabel.

— Vocês, agora, já não gostam dessas brincadeiras — tornou a Isabel — mas o que lhes asseguro é que nos divertiamos a valer.

— Então a dança, com umo boa grafonola, não está mil furos acima de todos os jogos, e até do Mah-jong? — gritou o José João, estendido no chão a fumar.

— Nada chega ao Mah-jong — declarou a Lixa, categórica.

— Deixem a Isabel explicar os tais jogos — exclamou a Luizinha. — (E eu também tinha curiosidade em saber.)

— Um dêsses vários jogos era o do carro; e se vocês quiserem experimentá-lo, substituímos a antiga carruagem por um automóvel.

Mas esta vaga, vaguíssima, explicação deixou-nos todos aparvalhados a olhar para a Isabel.

— O melhor é começarmos já — disse o Nuno. — Com certeza que é mais divertido do que a maçada da dança.

E como não tínhamos grafonola decidimos jogar, embora os rapazes inventassem mil pretextos para não entrar.

Por fim, quando os manos viram a nossa animação e ouviram as nossas gargalhadas, resolveram-se a tomar parte no «carro»; e divertimo-nos deveras!

Sentam-se todos em volta do «chauffeur» que era a Isabel, já se vê; e que teve de inventar histórias complicadas a respeito do automóvel: e, cada vez que ela dizia a palavra automóvel todos se

SERÃO

por Maria Paula de Azevedo

Desenhos de Guida Ottolini

levantavam e davam uma viravolta. Que agitação nestas viravoltas! E se ela falava nas diferentes peças do automóvel a pessoa que figurava essa peça também dava uma volta. A pobre senhora D. Maria, tão forte, coitada, lá dava as voltas como nós, é claro. E, já se vê, pagavam-se prendas se as voltas não se dessem a tempo. O que nós, depois, inventámos para as prendas! O José João teve de fazer o pino à roda dum pinheiro! A senhora D. Maria foi forçada a dar três saltos a pés juntos! E a Miss Norman teve de beijar o narigão do Alexandre! (Só ver a atitude grave da boa inglêsa, e a expressão fula do Xana, teve pilhas). A sorte da Isabel foi terrível: passear com o tamanhão do Nuno... às cavalitas! A Lixa recitou os Lusíadas; a Luli Silveira teve de cantar a Portuguesa, e eu tive de dançar um bailado sôbre a «Triste Viuvinha», cantada por todos em coro! Ficámos estafados de rir!

O chá, ali no pinhal, foi lauto e óptimo. E quando eram sete horas metemo-nos a caminho para a volta, pela linda estrada do Alfeite para Cacilhas.

Entrámos em casa às nove da noite e, embora eu viesse mortinha de sono e fôsse logo deitar-me, ainda ouvi no corredor a minha ama dizer à Mãe:

— Lá o tal menino é que me está a cheirar a chamusco...

Que menino será êsse? Adormeci como pedra em poço.

II

Aproxima-se a data do casamento da Miquinhas: que bom! O pai quando soube (quem lhe disse foi a serigaita da Luizinha) que eu sonhava com um vestido novo... não teve coragem para m'o recusar. Começou, sim, por fazer uma cara muito feia:

— Não gosto de luxos, Maria Rita; porque não hás-de ir com o vestido azul que levaste à festa dos Tios? Está rôto?

— Rôto não está, Paisinho, e se só apanho outro quando êle se romper, tenho de esperar a vida inteira! (E fiz a boca amuada).

Mas o pai não riu.

— Toleimas. E não é o fato qne tem importância: é a educação, o espírito, a alegria, a graça!

— Então, Paisinho, não há um ditado que diz que o «hábito faz o monge»?

O Pai deu uma gargalhada, e exclamou:

— Oh minha tontinha! é tal qual o contrário. O ditado diz que o hábito... não faz o monge!

Eu fiquei vexada, confesso. Mas nessa altura rompeu a Luizinha pelo escritório e gritou, excitadíssima:

— Mirri! A Miquinhas telefonou agora que vão seis amigas dela tôdas de branco, e tu és uma delas, com chapéus iguais, e não sei que mais trapalhadas!

Eu, radiante, olhei para o Pai. E o querido Pai concluiu, meio a sério meio a rir: — E tem de ser branco, e igual ao das outras, e chapéu, e luvas... — Saltei-lhe ao pescoço! Nessa tarde não pude pensar em mais nada. A boa mademoiselle Sixte bem se cansou a dissertar sôbre o Império de Charlemagne, coitadinha: mal a ouvia!

Ao jantar questionei com o Xana que estava um autêntico OURIÇO, porque têve notas baixas em algebra (às vezes ajudo-o nessas lições).

— As raparigas só se interessam A VALER pelos trapos — declarou êle com ares desdenhosos.

— Tambem você se pavoneia todo quando leva o uniforme novo da Mocidade! — observou a Luizinha, muito espevitada.

— A menina perdeu uma ocasião de calar o bico — tornou o Xana. — E ninguém pode negar que para uma garota como a Mirri um vestido novo é uma coisa bestial!

— Você é um garoto, mas eu, com 18 anos, nem sou garota, nem considero bestial um vestido novo, branco, comprido, chic e estupendo! — gritei eu, entre zangada e radiante.

— Oiçam-na — disse o Gonçalo, rindo a bom rir. — Só de falar na fatiota... os olhos luzem!

E tudo acabou num riso geral.

— O que acho indecente — continuou o Xana — é convidarem só a Mirri e o Gonçalo. Porque não fomos também convidados, o Manuel e eu?

A pregunta ficou sem resposta, coitado do Xana.

E lá chegou o célebre dia do casamento da Miquinhas. Que cortejo, que luxo, que elegância! Atrás da noiva (que ia linda e chic, mas pintada de mais), lá seguiam as seis «demoiselles d'honneur», entre as quais eu própria; e devíamos fazer bonita vista: vestidos brancos, compridos, «capelines» com fita caída sôbre o ombro, rosas pálidas...

À entrada na nave da Estrêla, quando romperam os sons graves do orgão, senti os olhos cheios de lágrimas... A Luli Silveira, que ia a meu lado, percebeu a minha comoção e disse-me em segrêdo:

— Não chores! Lembra-te do «rouge» ficas ridícula...

Engulí logo as minhas lágrimas, prestes a cair. Mas fiquei com um nó na garganta durante tôda a cerimónia. E quando o Bispo fez as perguntas aos noivos tornei a ficar muito impressionada, sem me lembrar do «rouge».

A Miquinhas é que não estava nada comovida! Respondeu muito alto, olhava para todos os lados, e depois, na sacristia, tinha o ar de quem estava numa matinée dançante.

Ouvi a mãe da Luli dizer a uma senhora:

— Que casamento tão equilibrado, não achas? Ambos ricos, ambos da sociedade, sem exagero de paixões românticas que, realmente, já se não usam.

— A minha amiga diz muito bem: a vida é uma realidade e não um romance! — respondeu a senhora, muito convencida.

Fiquei pensativa... Então a vida não pode ser um romance?! Eu, quando chegar a casar hei-de querer paixão romântica, sim senhor! E nem compreendo que se case sem ela. Os Pais fazem-me sempre pensar em Romeu e Julieta, Paulo e Virgínia, e outros namorados célebres! Assim é que eu quero para mim.

A Miquinhas apareceu, depois, a despedir-se de todos, com um «tailleur» beige elegantíssimo. Esperava-os o Packard estupendo que o pai dêle lhes deu, e lá foram para o Estoril, que ela preferiu o Bussaco.

— Deus me defenda da semsaboria do Bussaco — ouvi-a eu declarar: — Arvores, fontes, capelas... Brrr... Até me arrepio só com a idéia!

A Lixa ainda observou:

— Mas olha que no Estoril vais cair no meio de imensos tipos conhecidos!

— Nunca estarão «enfin seuls», como nos romances se diz — observou a Luli.

A Miquinhas deu uma gargalhada e respondeu:

— Para estarmos sós, minhas ricas, temos a vida tôda! Já basta, com certeza.

Tudo isto me deixou admirada e com a sensação de vago desconsôlo...

E à noite desabafei as minhas impressões com a Mãe. A Mãe beijou-me e disse:

— Tu bem sabes, queridinha, que a pobre Miquinhas tem vivido num meio diferente do nosso. Os pais divorciados, ela, coitada, entregue às mestras...

— Oh Mãe, se ela gostasse a valer do noivo... — observei eu. A Mãe sorriu.

— Tens razão, Maria Rita. E isso é que é sempre o principal. Mas também há os casamentos de conveniência, sabes tu?

— Para que casam as pessoas se não gostam uma da outra?! — tornei eu.

— Para terem a sua casa, os seus filhos...

— E se depois embirram uma com a outra?

— Isso é grave, filhinha — respondeu a Mãe, a sério.

— Agora dorme em sossêgo, Maria Rita; e não penses no casamento — acrescentou a rir.

Mas eu... pensei. Quero casar, quero ter imensos filhos, e quero que a nossa vida de casados seja ROMÂNTICA! Como o noivo que escolhi é o José João, é só dêle que me lembro quando me vejo a subir a nave da Estrêla pelo braço do Pai: mas, coisa extrenha! essa idéia nada me comove! É como se, em lugar do José João, eu pensasse no Gonçalo ou no Manuel! Tenho lido nos livros que o coração bate quando se pensa no noivo: mas o meu não bate nada. Terei eu um coração de pedra? Lá bater quando penso no José João, isso não bate...

(Continua)

PASSEIO À MATA MILITAR

GOZAR o Sol, a beleza do dia, a Vida! Senti-los plenamente, e voltar mais queimadas, alegres, ágeis e com os olhos cheios da beleza dessa Natureza simples e sã, agradecendo a Deus um dia bem passado na plenitude da nossa Mocidade. — E' êste o programa que vivemos nêsse dia ensoalhado, em que a Mocidade Portuguesa Feminina nos proporcionou o belo passeio à mata militar.

Cedinho, depois de ouvida a Missa na Basílica da Estrêla e acompanhadas das nossas instrutoras, dirigimo-nos à Estação Fluvial onde nos esperava a Fröken com o seu sorriso franco, bem disposta como sempre, e o indispensável saco de campismo. Nós já tínhamos os nossos e encarregaram-nos também de levar, divididos «fraternalmente» os objectos para o acampamento. A mim e a mais algumas, por exemplo, coube-nos a bandeira e os paus, embrulhados, já se vê, mas com que nos sentíamos muito orgulhosas; empapelada ou não, sempre era a bandeira!

Resolveram, porém, e por comodidade, ir enfiando os casacos e os sacos (que não pesavam pouco!) no espaço que ficava livre entre os nossos ombros. E vimo-nos, de porta-bandeiras, transformadas em cabides.

O rio foi atravessado ràpidamente (esqueci-me de dizer que fomos de barco, pois podia dar-se o caso de julgarem que tínhamos descoberto as tais botas de cortiça, que enganaram Lisboa, em tempos que já lá vão), e chegadas à outra margem puzemo-nos resolutamente a caminho. Atravessámos o pinhal e descobrimos um bom sítio para acampar.

Divididas em quatro grupos: Norte, Sul, Leste e Oeste, fomos fabricar os fogões, apanhar lenha, buscar água, cumprindo cada uma as ordens da sua instrutora, o mais ràpidamente e o melhor possível.

Hasteámos a bandeira, rodeando-a fazendo a continência e cantando.

Armámos a barraca ajudadas pela Fröken que dirigia tudo, ensinava e estava sempre onde era precisa. Também puzemos a mesa que enfeitámos de verdura e flôres e, quando chegou a hora do almôço e ouvimos dizer que era meio dia e meia hora, mal acreditámos. ¿Só meio dia? Há quanto tempo o estômago o tinha dado já! A culpa coube aos pinheiros, e ao nosso trabalho afanoso.

Depois de descansarmos um bocado começaram os jogos. Nêles competiam os quatro grupos formados, esforçando-nos por ganhar, sempre no meio da maior camaradagem e boa disposição. Os jogos eram muito interessantes: calcular o tempo, exercitar as faculdades de observação, coleccionar plantas e flôres, e até um de descobrir uns papelinhos espalhados pelo pinhal a ver quem apanhava mais. Para aprendermos a fazer macas e socorros de urgência, «fabricámos» bonecas com o material que tínhamos à mão e deitámo-las numa maca com um braço ligado. O grupo que ganhou o concurso apresentou uma boneca muito engraçada.

A' partida, desarmada a barraca, arreou-se a bandeira, cantando e fazendo a continência, perfiladas, não tendo porém um rígido ar marcial, mas um sorriso agradecido, espelhando alegria e mocidade.

Na volta a Fröken deus os prémios, e tôdas os tiveram.

E vínhamos rindo e cantando como na ida, mas talvez, um tudo nada mais tristes: findava um dia feliz. O Sol iluminava Lisboa com os derradeiros raios e despedia-se dela, com um beijo rubro de luz.

Tudo era calmo e descansava dum dia estuante; até as embarcações pareciam descançar.

E, passando por nós, um barquito de vela vermelha deslizava imaterialmente sôbre as águas.

Nós, cabelos soltos pelas loucas correrias, olhos a rir, pulmões cheios de ar puro, víamos com pena o desaparecimento do Sol.

. . . Pois se até na vinda, em vez do honroso pau de bandeira trouxe a alcôfa dos tachos! . . .

Maria Margarida Carmo Tengarrinha
VANGUARDISTA Filiada n.º 37.018 — Centro n.º 3 — Lisboa

Um passeio à Ilha

Oito horas da manhã.

O indiscreto Sol penetra sorrateiro no meu quarto: a ordo.

O dia nada mau com aquêle sol a brilhar no céu muito azul.

Batem-me à porta do quarto: então, vamos?

— Sim, vamos, estou pronta.

E lá fui... Vi... Pensei... Gostei...

A ria estava linda, magnífica! Tam calma, tam azul, tam brilhante! Como era difícil crer que o sangue corre mais além, que a guerra tira dièriamente vidas após vidas que lhe não pertencem.

E o barquinho seguia, seguia sempre, singrando, de mansinho as cristalinas águas. Mais ao longe, no traço de separação de duas grandezas igualmente infinitas e belas — céu e mar — vejo uns pontinhos negros.

Que será?! São cêrcos, são frágeis barquinhos que o homem conduz para ganhar o pão dos seus. Como é difícil de angariar o pão do marítimo! Numa casquinha de noz — num pedaço de madeira roubado à Natureza — o homem lá vai em busca de seu pão!

E meu pensamento ergue-se a Deus numa prece muda por aquêles que andam sôbre as águas.

Um grito de alegria do meu companheiro de viagem faz-me despertar: A Ilha! A Ilha! Vê? A'lém? E' aquêle pedaço amarelinho que aparece entre o rio e o mar.

Tomo atenção: Sim, vejo!

. . . .

Chegámos. Um salto para a areia doirada e eis-me na Ilha — Sem rochedos caprichosos ou casas pretenciosas, ela é rica em montes de «oiro» ela é rica em humildes barraquinhas de madeira.

Eu adoro a singeleza, a humildade, por isso gostei da Ilha!

E fui para a beira-mar: e notei um contraste:

As ondas veem apressadas umas após outras. Mas onde lhes ficou tôda a pressa que traziam? mal atingem a areia espreguiçam-se, de mansinho, bordando-a num ténue rendilhado de espuma branquinha!...

E' que estavam, com certeza, desejosas de beijar a areia!

Olho para o mar. Quantos perigos, quantas lágrimas êle não guarda, ciosamente em si?

. . . .

Uma gaivota voa baixinho. Volta, torna a ir, e quando desapareceu tive pena. Sim, tive pena de não poder ir com ela.

Voar, sim, voar dêste ar viciado que o mundo respira, dêste cheiro a sangue, voar para seguir a branquinha gaivota no céu, numa atmosfera mais pura que a nossa. Mas não posso! Ai! com que desgôsto noto esta impossibilidade! E... não será possível que o mundo melhore? Sim, deve ser. De novo o meu pensamento se ergue até Deus, mas desta vez, para implorar a paz na terra!

. . . .

Regressso. O passeio fez-me bem. Havia tanto tempo que não pensava no que pensei! E gostei, gostei de ter ido e de ter pensado assim.

E à noite agradeci a Deus tudo quanto fez pelos homens que tam rebeldes se mostram às suas leis. E adormeci pedindo um mundo melhor.

Faro — Centro 1 — Filiada 37.002

Visita de estudo ao Museu de Viana do Castelo

Numa tarde calma, em que o Sol brilhava com todo o explendor, liberto já da neblina que durante a manhã o tivera oculto, dirigimo-nos ao museu.

Passámos na Praça da República, onde os edifícios da Câmara e do Hospital da Misericórdia nos recordam a antiguidade da cidade, a par com a fonte manuelina que existe no seu centro. Idênticas recordações nos enchem o pensamento ao passarmos nas humildes vielas onde o Sol, a dardejar os seus raios acolhedores, envolve de poética suavidade velhas elegantes janelas manuelinas que atestam a existência passada de nobres famílias, vivendo em suas casas solarengas.

Chegámos ao museu, mas ó desilusão! Eis-nos num páteo escuro, onde o Sol, medroso, se não atreve a entrar, e é vagarosamente que subimos a escadas tendo nos olhos visões longínquas, e no pensamento, sonho embaladores.

Entrámos na «Sala Serafim Noves». Como por milagre, tôda a melancolia que a ausência de luz, na entrada nos infundira na alma, se desvaneceu para dar lugar a dois sentimentos novos: a admiração e a curiosidade. Deslumbradas, ouvimos atentamente tôdas as explicações que nos foram dadas. Nas paredes, azulejos hispano-árabes formam, na simetria do desenho e na sinfonia das côres, em conjunto belo e típico.

Louça de Viana — da fábrica fechada há cem anos — está sôbre as mesas, em gracioso desalinho. Acicates do século dezassete e espadas do século quinze sonham ainda com cavaleiros e pelejas em que, orgulhosas, se vêem a lutar pela pátria querida.

Passamos depois à «Sala Dr. Luiz de Oliveira»; o cenário mantem-se. Numa vitrina avulta um busto de D. Maria II a recordar o seu reinado glorioso, rodeado pelo antigo pendão da Câmara, pelas bandeiras monárquicas e republicanas que se entrecruzam como em perdão de desavenças passadas.

Surge a sala de pintura; foi a que mais me encantou. Nela, os quadros religiosos, históricos e regionais misturam-se em profusão encantadora, tendo artistas consagrados deixado ali provas do seu valor. Ao fundo, uma capela renascença deslumbra-nos pelo seu primoroso trabalho artístico.

No páteo, encontram-se catacumbas antigas e um cruzeiro da capela de Monserrate.

Esta visita que havíamos pressagiado de sacrifício profissional, foi afinal, de encanto e distracção incomparáveis. Despertou-nos o desejo de conhecermos o nosso património artístico, não perdendo as oportunidades de bem o apreciar, caso a vida no-las proporcione.

Maria Celestina da Guerra Pires
Filiada 32.056 do Centro 2 — Ala 4 — Divisão Minho — Liceu Gonçalo Velho

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS